

SABRINA SACHET

A INTERFACE TRADUÇÃO E JORNALISMO: MARCAS CULTURAIS
NO TEXTO DE REVISTA

Florianópolis, 2005.

SABRINA SACHET

A INTERFACE TRADUÇÃO E JORNALISMO: MARCAS CULTURAIS
NO TEXTO DE REVISTA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Tradução; linha de pesquisa: História, teoria e crítica da tradução.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Meta Elisabeth Zipser

Florianópolis, 2005.

À minha querida mãe, IGNEZ, pelo amor e dedicação durante toda a minha vida. Pelo incentivo em todos os momentos e pelo papel de pai e de mãe desempenhado com tanto carinho.

Ao meu futuro esposo, JEFER, pelo apoio incondicional em todas as etapas deste trabalho. Pela compreensão e incentivo para seguir sempre em frente.

AGRADECIMENTOS

Esta parte, que agora no final, parecia ser a mais fácil, torna-se, neste momento, a mais difícil, pois esta dissertação é o fruto de um árduo e produtivo trabalho, para o qual muitas pessoas deram a sua contribuição. Muitos foram os que o enriqueceram com idéias e sugestões e muitos foram os que me fortaleceram com paciência, amor e amizade. Quero agradecer a todos que participaram da elaboração deste trabalho. E, especialmente:

À minha família, minha mãe Ignez, que é luz no meu caminho e minha referência de vida, e minha irmã, Letícia, que mesmo sendo criança conseguiu compreender minhas ausências e suportar a saudade.

Ao Jefer, que neste ano torna-se meu esposo, por me agüentar em todas as horas, naquelas de felicidade e também nas de desespero. Ele que é a minha mais nova família, esperança de amor e confiança.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Meta Elisabeth Zipser, por seu constante encorajamento, pela orientação segura, pela dedicação, pela compreensão e por uma amizade que nasceu aqui, e desejo que perdure para sempre.

A Deus por ter sido meu apoio espiritual na busca pela harmonia e paz interior.

Aos colegas de curso Silvana e Hutan, que foram companheiros e ajudaram na superação das barreiras encontradas pelo caminho, e à Sabrina Gimenez pela ajuda técnica e sentimental nesta reta final.

À Universidade Federal de Santa Catarina e ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, pela oportunidade.

Aos professores componentes da banca, pela atenção.

SUMÁRIO

RESUMO.....	10
ABSTRACT	11
INTRODUÇÃO.....	12
1 MÉTODO.....	17
1.1 Propósitos do estudo.....	18
1.2 Corpus.....	18
1.3 Procedimentos Metodológicos	20
1.3.1 O procedimento de análise	21
2 MARCO TEÓRICO	24
2.1 Jornalismo: sob a perspectiva e o modelo de Frank Esser.....	27
2.2 Características do estilo revista e da reportagem	33
2.3 Tradução: sob a perspectiva e o modelo de Christiane Nord	35
2.3.1 Considerações Gerais.....	35
2.3.2 Funções do texto e da tradução	37
2.3.3. Fatores intratextuais e extratextuais no processo de tradução.....	40
3. DISCUSSÃO	46
3.1. Introdução	46
3.2. As revistas do corpus: descrição e perfil	51
3.3. Os textos do corpus: apresentação e caracterização	56
3.3.1. O texto Saving Afghan Culture, National Geographic – Estados Unidos (T1)	56
3.3.2. O texto A Eterna Cultura Afegã, National Geographic – Brasil (T2).....	60
3.4. Análise contrastiva dos textos do corpus: a intersecção dos modelos de Frank Esser (1998) e Christiane Nord (1991).....	64
3.4.1. O resultado do cruzamento dos textos	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	94

LISTA DE FIGURAS

Fig 2.1. Modelo Pluriestratificado Integrado (ESSER, 1998) – “metáfora da cebola” (tradução de Zipser, 2002:25).....	28
Fig. 2.2. O Modelo de Christiane Nord (1991)	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 3.1. Perfil Demográfico dos Leitores da National Geographic Americana.....	53
Tabela 3.2. Perfil de Circulação da Revista National Geographic Americana.....	54
Tabela 3.3. Descrição do Perfil geral dos leitores (em %) da National Geographic Brasil.....	55
Tabela 3.4. Circulação Geral da National Geographic Brasil.....	55
Tabela 3.5. Comparativo entre as escolhas lexicais do texto-fonte para o texto-alvo.....	69
Tabela 3.6. Comparativo entre as escolhas e traduções dos verbos do texto-fonte para o texto- alvo.	74
Tabela 3.7. Comparativo entre as informações adicionais texto-fonte para o texto-alvo.....	78
Tabela 3.8. Comparativo entre a filtragem ou omissão das informações texto-fonte para o texto- alvo.	84
Tabela 3.9. Comparativo entre a omissão de advérbios do texto-fonte para o texto-alvo.....	86
Tabela 3.10. Comparativo das simplificações do texto-fonte para o texto-alvo.	87

LISTA DE ANEXOS

Anexo I. Saving Afghan Culture

Anexo II. Eterna Cultura Afegã

Anexo III. Sumário das revistas

Anexo IV. Aplicação da Tabela de Christiane Nord

Anexo V. Os questionários formulados e a realização das entrevistas

RESUMO

A interface da tradução e do jornalismo apresenta-se como um rico objeto de análise que tende a crescer no campo das pesquisas científicas, pois traz consigo as representações culturais de cada país. Esta pesquisa, pertencente aos Estudos da Tradução sob a perspectiva e o modelo de Christiane Nord (1991), e aos estudos do jornalismo com Frank Esser (1998), in Zipser (2002), apresenta a análise de uma reportagem da revista National Geographic para o contexto americano e sua versão traduzida, National Geographic Brasil, para o português. Objetiva analisar, por meio dos dois modelos acima propostos, as marcas culturais presentes nesses textos levando-se em conta seu público-alvo já previamente estabelecido e a cultura em que cada texto está inserido. A hipótese da existência de marcas culturais nos textos será mostrada pela escolha lexical que servirá de ferramenta para atingir os propósitos deste estudo.

Palavras-chave: Tradução, jornalismo, marcas culturais.

ABSTRACT

The interface translation-journalism shows as a rich object of analysis that tends to grow in the field of the scientific research. And this interface brings in it the cultural representations of each country. This research belongs to Translation Studies under the perspective and the model of Christiane Nord (1991) and in the studies of the journalism with Frank Esser (1998) in Zipser (2002). It presents the study of an article of the National Geographic magazine for the American context and its translated version National Geographic Brazil for the Portuguese, aiming to analyze through the two models above considered, the cultural marks in these texts taking in account its target-public previously established and the culture of each text is inserted. The existence of cultural marks hypothesis in the texts will be shown through the lexical choice that will serve of tool to reach the purposes of this study.

INTRODUÇÃO

Jornalismo é a informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum (Beltrão, 1992:67).

O estudo da tradução no ambiente jornalístico é algo relativamente novo, apesar de ambas as disciplinas estarem consolidadas há algum tempo. Existe, assim, a necessidade de se refletir sobre essa interface. Essa reflexão proporciona descobertas interessantes, visto que o texto jornalístico é algo real, que apresenta notícias e reportagens de fatos correntes, fornecendo informação às pessoas dos acontecimentos de cada parte do mundo. E justamente pelo jornalismo ter essa abrangência é que me propus a trabalhar com a tradução, pois sem ela as notícias não correriam o mundo. Sabemos que os fatos internacionais chegam até a países como o Brasil, por exemplo, pelas agências de notícias que enviam as informações, e estas são traduzidas, seja por um profissional em tradução, seja por um jornalista que, na maioria das vezes, tem de realizar a tarefa de tradutor.

Em muitos casos, é realmente o jornalista quem faz as traduções, quer pela urgência em noticiar o fato, quer por questões econômicas, pois contratar um tradutor, na visão de muitos empresários, pode tornar-se oneroso ao veículo de comunicação. Como alguns jornalistas têm conhecimentos de línguas estrangeiras, passam por experiências no exterior e já estão inteirados do assunto, fica assim, em tese, mais prático que eles mesmos traduzam o fato a ser noticiado. No entanto, há que se pensar na capacitação do profissional que realiza a tradução e sobre a

qualidade da informação que chega ao leitor, visto que o jornalismo preza pela precisão de informação, buscando orientar a opinião do seu público.

Sob esse aspecto, é importante ressaltar que, em sua natureza, a reportagem jornalística está emoldurada por fatores que influenciam sua produção. São questões políticas, sociais, econômicas, entre outros. Esses fatores serão apresentados e identificados pelo Modelo Pluriestratificado Integrado, de Frank Esser (1998), in Zipser (2002)¹, por meio do qual é possível reconhecer as instâncias que compõem o fazer jornalístico e fornece um panorama da sua dinâmica de atuação. Esse modelo trabalha o conceito de interculturalidade, isto é, o espaço de confronto entre duas culturas, identificando fatores que conferem ao jornalismo de cada país uma identidade nacional e cultural próprias.

Além disso, é importante ressaltar as alterações que o jornalismo sofreu durante a passagem do século XX para o XXI, e sobre a mudança da informação provocada pela era Pós-Moderna. Esta deixa de significar representação simbólica dos fatos para se apresentar como um produto híbrido que associa ora publicidade, ora entretenimento, ora persuasão, ora consumo. (Marshall, 2003:36). Como podemos ver, a mídia² exerce influência na produção da informação e há grande possibilidade de os enfoques dos temas abordados seguirem um critério sujeito a índices de vendagem, cujo objetivo é a aceitação do público leitor.

A partir disso, surgiu a motivação para investigar quais os aspectos considerados para a construção desses textos, bem como de sua tradução. Nesse sentido, as duas versões da revista

¹ As citações de Frank Esser doravante serão feitas diretamente, mas leia-se como inseridas no trabalho de Zipser (2002).

² O termo “mídia” é aqui entendido conforme definição presente no Houaiss Dicionário da Língua Portuguesa (2001:1919) “todo suporte de difusão da informação que constitui um meio intermediário de expressão capaz de

escolhida National Geographic são apropriadas ao que me predispus a fazer, pois ambas estão inseridas em culturas e línguas diferentes, proporcionando, assim, a formulação da hipótese de que os textos trazem consigo as marcas culturais de cada país, e que em cada cultura o texto apresenta-se de forma diferente.

As diferenças na abordagem do mesmo assunto podem revelar as adequações realizadas pelo produtor da notícia, tanto ao perfil do leitor a quem se destina, quanto às questões sociais, políticas, econômicas, etc., do local ou país em que ela será apresentada. Sofrendo assim um deslocamento na perspectiva do enfoque, que tende a ocorrer na passagem de uma notícia ou reportagem de uma língua/cultura para outra. Esse eventual deslocamento de enfoque pode ser percebido, de diversas maneiras, dentre elas citamos as escolhas em relação ao título e subtítulo, às figuras, e no texto propriamente dito, com as escolhas lexicais, sintáticas, entre outros elementos que darão o direcionamento da leitura.

Esse direcionamento pode estar relacionado à filosofia do veículo de comunicação, bem como a intenção do produtor do texto naquele determinado contexto. Seria ingênuo ignorar o fato de que cada matéria tem uma intenção, um propósito, pois há sempre algo implícito no texto, em suas entrelinhas a fim de que o leitor identifique e tire suas próprias conclusões com base em seu background sobre o assunto tratado.

Assim, já que tratamos aqui de tradução no ambiente jornalístico e em contexto internacional, devemos considerar que, se o texto original produzido pelo jornalista tem uma intenção, um propósito, da mesma forma a tradução também terá. Se considerarmos que os textos (original e tradução) foram produzidos por pessoas diferentes, eles podem ter intenções ou

transmitir mensagens; meios de comunicação social de massa não diretamente interpessoais (como, p. ex., as conversas, diálogos públicos e privados) abrangem esses meios o rádio, cinema, a televisão, a escrita impressa, etc.”.

propósitos diferentes, já que estão inseridos em língua e cultura distintas. Nesse contexto, é que podemos mencionar novamente a ocorrência do deslocamento de enfoque, justamente por essas diferenças apresentadas acima.

As idéias introdutórias possibilitam estabelecer a interdisciplinaridade deste trabalho, envolvendo as áreas da tradução e do jornalismo. Contudo, devido à amplitude de conceitos existentes nessas duas disciplinas, ressalto a necessidade de fazer recortes de idéias com base nas especificidades deste estudo, a fim de delimitar o espaço de interação das duas áreas.

A seguir, apresento as partes constituintes desta pesquisa.

O Capítulo I, dedicado ao Método, apresenta os propósitos do Estudo, as informações pertinentes ao corpus do trabalho e os procedimentos metodológicos, que descrevem todos os passos adotados na pesquisa.

O Capítulo II, reservado ao Marco Teórico, expõe os pressupostos dos autores Frank Esser (1998), com seu modelo Pluriestratificado Integrado para o jornalismo, através do trabalho de Zipser (2002), as características do estilo da revista e da reportagem, e Christiane Nord (1991) para considerações sobre a perspectiva funcional da tradução.

O Capítulo III, dedicado à Discussão, apresenta e caracteriza as revistas e os textos do corpus, com um breve relato histórico do surgimento das revistas e a descrição do perfil de seus leitores. E, principalmente, demonstra, por meio de exemplos, as análises realizadas nos textos para as quais foram utilizados os dois pressupostos teóricos apresentados no Marco Teórico (Cap. II), com o intuito de discutir e comprovar a hipótese da existência de marcas culturais nos textos.

O capítulo Considerações Finais dá o fechamento desta dissertação, apontando para as constatações obtidas, trazendo as conclusões parciais alcançadas e também a comprovação da hipótese.

Por fim, temos as Referências Bibliográficas; os Anexos: (I) a reportagem em inglês; (II) a reportagem em português; (III) o sumário das revistas; (IV) a aplicação da Tabela de Christiane Nord; e (V) os questionários formulados e a realização das entrevistas.

1 MÉTODO

O presente capítulo descreve os caminhos percorridos para chegar aos objetivos desta pesquisa. Apresenta seus propósitos e procedimentos levando em consideração a interface da tradução e do jornalismo. Enfoca seu direcionamento, descrevendo o material do corpus, sua escolha e o tratamento dado a ele, bem como a sistematização dos resultados.

Esta pesquisa identifica e discute as diferenças culturais existentes nos textos selecionados, quando as reportagens são transportadas de uma língua/cultura para outra. Combinamos as análises práticas com o embasamento teórico proposto, a fim de sistematizar uma reflexão sobre os diversos fatores que marcam essas diferenças culturais. Essa combinação está fundamentada na comunicação intercultural que há entre tradução e texto original, pois, de acordo com Nord (1991: 8), “O iniciador começa um processo de comunicação intercultural porque ele quer um instrumento de comunicação específico: o texto-alvo”. Isso sugere que a tradução seja solicitada para um determinado propósito e com um determinado fim comunicativo. O iniciador mencionado por Nord refere-se ao cliente que solicita uma tradução, ou em alguns casos pode ser até o tradutor que inicia a comunicação intercultural.

Primeiramente, a análise dos dados é realizada nos textos individuais e, em seguida, no confronto entre eles. Está concentrada, predominantemente, nas questões relacionadas às escolhas lexicais.

1.1 Propósitos do estudo

Os principais objetivos deste estudo são:

- 1) Comprovar a hipótese de que os textos trazem consigo as marcas culturais de cada país.
- 2) Demonstrar sob quais aspectos essas marcas culturais se manifestam nos textos.
- 3) Discutir se as escolhas realizadas pelo tradutor caracterizam um eventual deslocamento de enfoque.
- 4) Cooperar para a difusão dos estudos da tradução no ambiente jornalístico, e, mais do que isso, apresentar uma contribuição para a tradução nessa modalidade textual.

1.2 Corpus

Este estudo tem como corpus uma reportagem jornalística voltada para a área da história e cultura, extraída da revista National Geographic, da National Geographic Society, com o título Saving Afghan Culture (Anexo I), para o contexto americano, e da revista National Geographic Brasil, da Editora Abril, com o título Eterna Cultura Afegã (Anexo II), para o contexto brasileiro, sendo inglês-português o par de línguas estudado. Ambas as reportagens são datadas de dezembro de 2004.

Ao estabelecer o texto jornalístico como objeto de minha análise, várias foram as possibilidades que me ocorreram, e, dentre os diversos gêneros do jornalismo, o estilo revista chamou mais a minha atenção, pois de acordo com Vilas Boas: “... como não necessitam da

velocidade do jornalismo diário elas podem produzir textos mais criativos, utilizando recursos estilísticos e exigindo de seus profissionais textos elegantes e sedutores” (1996:9).

Assim, a seleção do corpus se deu por várias razões: i) por essas revistas apresentarem reportagens sobre questões histórico-culturais valorizando a cultura de determinada região; ii) pela variedade de matérias apresentadas, que aliam história, geografia, cultura e antropologia, proporcionando ao leitor uma visão ampla sobre cada informação dada; iii) pela possibilidade do trabalho com a tradução, pois de acordo com Zipser (2002:67), “é preciso considerar que, no jornalismo, os textos não representam, na grande maioria dos casos, uma tradução propriamente dita, mas “traduções”, em sentido amplo, de um mesmo fato noticioso (grifos da autora)”.

Esse conceito apresentado por Zipser (ibid.) de tradução no ambiente jornalístico em sentido amplo, é denominado por ela de tradução como representação cultural, isso porque, no jornalismo, uma determinada notícia parte de um fato ocorrido, e cada texto, ou notícia, produzido a partir desse fato, vai mostrá-lo de forma diferente. Então, esse conceito compreende os textos que traduzem o mesmo fato, cada um a partir da cultura para a qual se destina. E, assim, esses textos da imprensa são o modo pelo qual as culturas representam, no nível do texto, sua própria visão do fato.

Para esta seleção foram estipulados alguns critérios com o intuito de que os textos escolhidos compusessem um corpus comparável, a saber:

1. as reportagens deveriam tratar do mesmo assunto, tanto em inglês quanto em português;
2. os textos deveriam ser autênticos e extraídos da imprensa escrita;
3. as datas de publicação das revistas deveriam ser cronologicamente correspondentes;

4. por fim, os textos deveriam pertencer ao mesmo veículo de comunicação em ambas as línguas: revistas mensais.

Definidos esses critérios, passei, então, para a escolha das revistas. E após a busca e análise de várias publicações, a escolha foi pela National Geographic, que se constitui como um desafio, pois as duas versões (americana e brasileira) aparentemente são muito semelhantes e cabia a mim, como pesquisadora, investigar e apresentar suas diferenças.

1.3 Procedimentos Metodológicos

A idéia inicial era concentrar este estudo em todos os fatores intra e extratextuais do modelo de Christiane Nord (1991) e de todas as esferas do modelo de Esser (1998), contudo o texto escolhido mostrou mais afinidade para alguns desses fatores.

No relato dos procedimentos metodológicos, apresento os passos adotados, que foram sendo ajustados no decorrer do trabalho e estão orientados para atender aos propósitos do estudo:

- a. revisão bibliográfica sobre tradução, jornalismo e cultura;
- b. seleção dos textos em português e em inglês para composição do corpus;
- c. trabalho com o material do corpus: utilizando como ferramenta de análise os pontos mais relevantes dos modelos de Esser e Nord;
- d. demonstração da hipótese de existência de marcas culturais no texto, pautadas nas escolhas lexicais;
- e. apontamento dos eventuais deslocamentos de enfoque quando os textos são transportados de uma cultura para outra;
- f. discussão e sistematização dos resultados obtidos por meio das análises;
- g. redação das considerações finais e sugestões para trabalhos futuros.

1.3.1 O procedimento de análise

Antes de dar início às análises, entrei em contato com o Editor da Revista National Geographic Brasil, a fim de obter algumas informações acerca dessa publicação e também das reportagens. Fui informada que a Revista National Geographic tem suas matérias produzidas pela edição original americana, em inglês. Essa mesma edição é reeditada em 27 outros países com as mesmas reportagens; contudo, cada país acrescenta uma ou duas reportagens sobre temas locais, produzidas regionalmente. O sumário das revistas está presente no Anexo III.

Após essas informações, decidi começar as análises partindo primeiramente das partes mais externas ao texto. Inicialmente com as capas, já que são revistas publicadas no mesmo período, mas cada edição busca enfatizar na capa o assunto que supostamente mais interessaria a seu leitor. Em seguida, parti para o sumário, no qual constatei que todas as reportagens são assinadas e, como disse o editor, cada versão acrescentou uma matéria de um tema local. Ainda nos elementos externos, parti para as matérias escolhidas, sobre os tesouros e a cultura afegã. Observei o número de páginas de ambas as reportagens, as ilustrações, as citações, quais os pontos que estão em destaque, em cores e fontes diferenciadas.

Passadas essas observações, iniciei então com os elementos mais internos, isto é, para o texto propriamente dito. Já sabia que os textos partem de uma única fonte, a reportagem americana, e de acordo com o editor, após a tradução, ela tem que caber dentro da mesma diagramação, limites de espaço, etc. Essa tradução é feita por uma equipe de colaboradores na National Geographic Brasil, aqui mesmo no Brasil. No primeiro momento, os textos (original e tradução) parecem idênticos justamente por essas questões de edição e diagramação; contudo, ao

analisar minuciosamente cada linha do texto, pude constatar que eles têm muitas diferenças, as quais serão apresentadas no Capítulo III destinado à discussão.

Parti em seguida para uma leitura aprofundada dos dois textos, a fim de observar se havia alguma mudança na perspectiva de enfoque, e sob quais aspectos elas apareceriam. Assim, o texto original, em inglês, parecia ter um caráter mais crítico, com um tom mais ríspido no tratamento do assunto e até mesmo com uma vontade de acordar o leitor para a importância do fato. No entanto, o texto traduzido em português tem um tom mais subjetivo e apresenta a reportagem com certo distanciamento, enfocando a função informativa do texto jornalístico.

Antes de iniciar a análise linha por linha, passei para a aplicação do modelo de Christiane Nord (1991) a fim de obter uma visão geral dos textos, desde a macroestrutura, chamada de elementos externos ao texto: emissor, intenção, receptor, meio, lugar, tempo, propósito e função textual, até a microestrutura, chamada de elementos internos ao texto: tema, conteúdo, pressuposições, estruturação, elementos não-verbais, léxico, sintaxe, elementos supra-segmentais e efeito do texto. Contudo, não aprofundei os estudos em todos esses itens, dei prioridade àquele item que mais se sobressaiu, neste caso: o léxico.

E o modelo de Esser (1998), por sua vez, constitui a moldura geral dos textos e pano de fundo para fazer algumas demonstrações, através, principalmente, da esfera social que abrange a moldura histórico-cultural, a mais externa do seu modelo.

Em seguida, na coleta dos dados, obedeceu-se à divisão por parágrafos. Os dados foram então registrados em tabelas e posteriormente agrupados pelo critério de semelhança. A sistematização das informações serviu de base para a discussão, proporcionando um detalhamento das ocorrências encontradas nos textos.

Por fim, com o intuito de atingir o propósito maior deste estudo, que é a apresentação das marcas culturais presentes no texto, retirei trechos onde é possível perceber as adequações feitas de acordo com cada cultura, e também algumas informações adicionais dadas ao leitor no texto em português para familiarizá-lo com o assunto tratado.

Após essas três etapas, procedi à análise contrastiva dos textos, mostrando quais as principais evidências observadas entre o original e a tradução.

2 MARCO TEÓRICO

Este capítulo, que constitui o embasamento teórico, é composto por três partes, a saber: a primeira destinada ao jornalismo com a apresentação do modelo de Frank Esser (1998); a segunda, às características do estilo revista e da reportagem; e a terceira, à tradução com a perspectiva funcionalista de Christiane Nord (1991).

Trato aqui de buscar pontos de intersecção entre o jornalismo e a tradução, por meio do trabalho de Zipser (2002), bem como aliar a isso as questões culturais que permeiam tanto o jornalismo quanto a tradução. Essas duas áreas têm a cultura como um dos fatores determinantes de sua produção: a tradução, por sua própria natureza, sempre trabalha, no mínimo, duas línguas e culturas e o jornalismo, principalmente quando tratado em contexto internacional.

O estudo cultural no âmbito da tradução dá-se pelo fato de a língua estar atrelada à cultura. Já Casagrande (1954) afirmou que “na verdade não se traduzem línguas e sim culturas” (p. 338, apud Baker, 1999:22).

E esse aspecto é levado em consideração também por Sapir (1921, apud Cuche, 1999:93) quando ele diz que “Língua e cultura estão em uma relação estreita de interdependência: a língua tem a função, entre outras, de transmitir a cultura, mas é, ela mesma, marcada pela cultura”. Se a língua está atrelada à cultura, e a tradução se dá na ligação desses dois elementos, então buscamos um conceito de linguagem pautada nos pressupostos de Azenha (1999:28): “a linguagem deve ser vista aqui como elemento integrante de uma cultura, como uma de suas

formas de manifestação mais poderosas”, e “não como um fenômeno isolado, suspenso num vácuo” (Snell-Hornby 1988:39, apud Azenha, 1999:28).

Seguindo esse pensamento, Reiss e Vermeer vêem a relação cultura-linguagem-texto como “Uma língua [...] é elemento de uma cultura. A língua é o meio convencional de comunicação e de pensamento de uma cultura. Cultura é a norma social válida numa sociedade, e é também sua expressão” (Reiss e Vermeer, 1984:26 apud Azenha, 1999:34).³

Nord (1997a) também leva esse aspecto em consideração quando diz que “a língua é então considerada parte da cultura. E a comunicação está condicionada pelos limites da situação na cultura” (ibid.:1).

E ainda, se a perspectiva deste trabalho está direcionada às manifestações culturais nos textos, apresento a noção antropológica de cultura de Mary Snell-Hornby, citada por Azenha, e derivada do conceito do etnologista americano Ward H. Goodenough:

A meu ver, a cultura de uma sociedade consiste de tudo o que precisamos saber ou em que precisamos acreditar a fim de agir de modo aceitável para os membros de uma sociedade, e a fim de, assim procedendo, desempenharmos um papel que eles aceitariam para qualquer um de si. A cultura, sendo aquilo que as pessoas têm de aprender por oposição à sua herança biológica, deve consistir do produto final da aprendizagem: conhecimento no sentido mais geral, ainda que relativo, do termo. Por esta definição, devemos observar que a cultura não é um fenômeno material; ela não consiste de coisas, pessoas, comportamentos ou emoções. Cultura é, antes, uma organização dessas coisas. Cultura são as formas das coisas que as pessoas têm na cabeça, os modelos que elas usam para perceber, relacionar e também interpretar essas coisas. Assim, as coisas que as pessoas dizem ou fazem, seus acordos sociais ou eventos, são produtos ou subprodutos de sua cultura, à medida que elas os aplicam com vistas a

³ As citações extraídas da obra de Azenha (1999) são traduções feitas por ele próprio.

perceber e a lidar com as circunstâncias. Para alguém que conhece a cultura dessas pessoas, essas coisas e eventos são, portanto, sinais que significam formas ou modelos de cultura de que são a representação material [...] (Goodenough, 1964, citado em Azenha, 1999:28).

Nesse contexto, são utilizados os pressupostos acima para a definição de cultura, pois é no componente social - a linguagem - que as marcas culturais se fazem presente, e é onde a história de um povo se constitui e se manifesta. Continuando, o antropólogo Roberto DaMatta (1997) segue e chega à distinção entre sociedade e cultura. “O primeiro indicando conjunto de ações padronizadas; o segundo expressando valores e ideologias que fazem parte da outra ponta da realidade social (a cultura)” (ibid.:51). Ele diz que cada sociedade corresponde a uma tradição e que uma “sociedade sem tradição são sistemas coletivos sem cultura” (ibid.). Assim, os traços ou mecanismos de uma coletividade humana desenvolvem-se até transformar-se numa sociedade.

Trabalho aqui com questões relacionadas à cultura. Assim, quando falo de marcas culturais, estou me referindo aos costumes que são justificados dentro de uma moldura social, mostrando como cada papel é vivenciado, além de indicar as escolhas que revelam como um grupo difere-se do outro. E Geertz (1989:27) alia cultura ao comportamento: “deve-se atentar para o comportamento, e com exatidão, pois é através do fluxo do comportamento – ou, mais precisamente, da ação social – que as formas culturais encontram articulação”.

De fato, por meio das ações, atitudes e comportamentos de um povo, e também, como já disse antes, por meio da linguagem, seja escrita ou falada, é que se torna possível conhecer os traços culturais de um indivíduo ou de uma sociedade.

Agora que falei um pouco de cultura, podemos perceber o quanto ela tem relação com a interface proposta. Apresento na seção seguinte os pressupostos teóricos de Esser (1998) para o jornalismo.

2.1 Jornalismo: sob a perspectiva e o modelo de Frank Esser

Frank Esser, jornalista alemão, que reúne o perfil do acadêmico e do profissional, desenvolveu um modelo de estudo do jornalismo em ambiente internacional, comparando o jornalismo inglês e o alemão. Esse modelo trabalha o conceito de interculturalidade, nas várias instâncias que influenciam o fazer jornalístico, identificando fatores que conferem ao jornalismo de cada país uma identidade nacional e cultural próprias.

Tal postura é explicitada no Modelo Pluriestratificado Integrado desenvolvido por Esser (1998), através da “metáfora da cebola” (Fig.2.1), no qual ele apresenta as seguintes esferas com os fatores de influência no jornalismo:

- nível de esfera social, incluindo aspectos histórico-culturais e condições determinantes na esfera político-social;
- nível institucional e organizacional, que engloba aspectos práticos do fazer jornalismo e o retrato da profissão;
- nível de estrutura da mídia em si, com as normas ditadas pelos setores econômico e jurídico com relevância para a ética profissional;
- nível subjetivo, refere-se à atuação profissional do indivíduo, sua postura e interação em seu grupo de atuação.

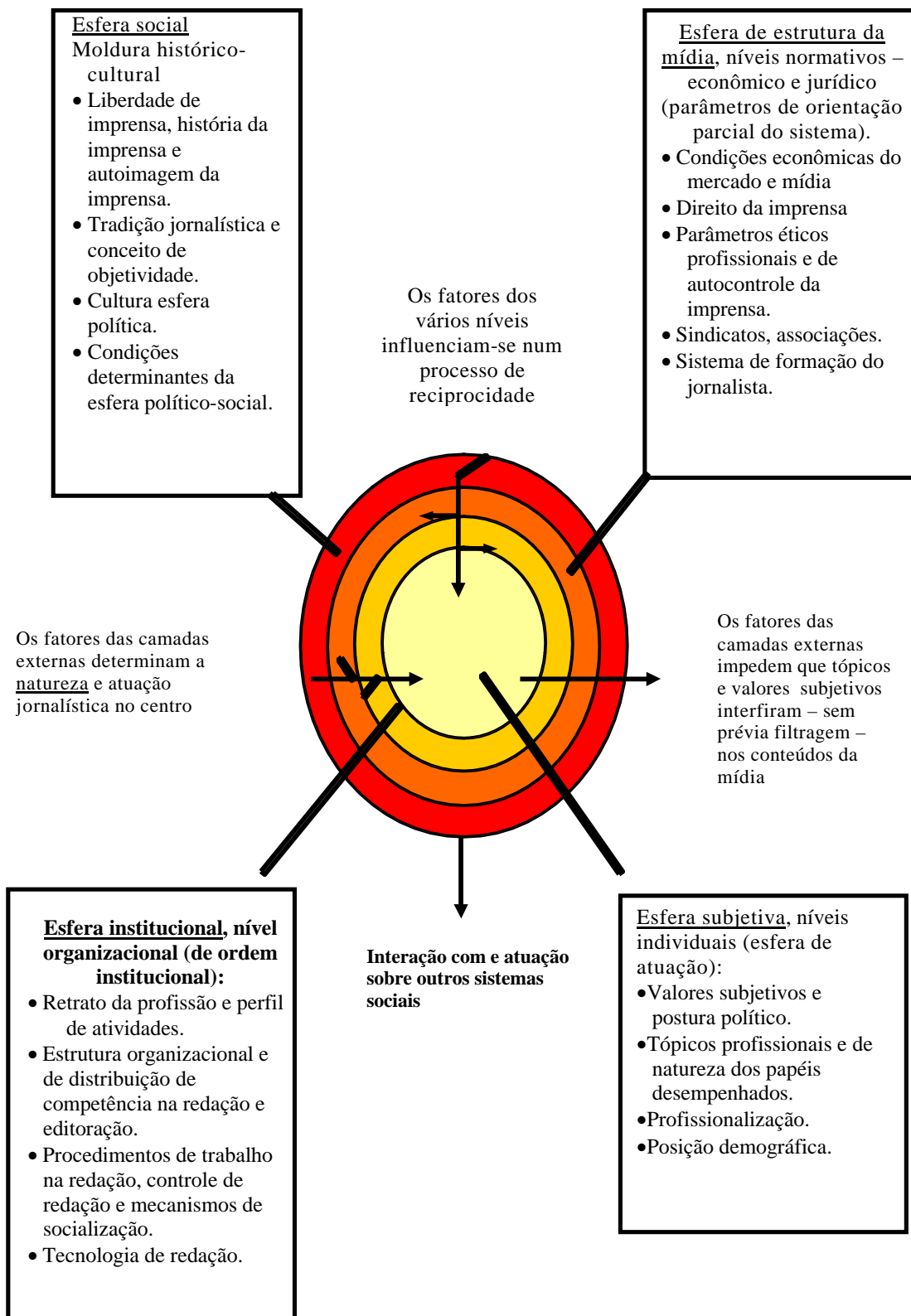


Fig 2.1. Modelo Pluriestratificado Integrado (ESSER, 1998) – “metáfora da cebola” (tradução de Zipsper, 2002:25)

Representado por essas esferas, os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos emolduram e interagem dentro do âmbito do jornalismo, mostrando os níveis que podem ocorrer influências e interferências. Essas influências, segundo Esser (ibid.), seriam particularmente claras, quando da atuação jornalística em contexto situacional e cultural diferenciados.

E, contribuindo com o pressuposto de que as transformações sociais e culturais integram o jornalismo e vice-versa, Marshall (2003) relata, em suas considerações sobre as mudanças nos paradigmas do jornalismo no século XX, que a dinâmica social também faz parte dessa mutação e o jornalismo teve sua importância:

O jornalismo assumiu um papel-chave na sociedade e tornou-se o código universal que contribui para visualizar a profunda transformação social, econômica e política provocada pela irrupção dos paradigmas da modernidade, que reformou radicalmente a dinâmica social (Marshall, 2003:156).

De acordo com o autor, durante cerca de quatro séculos, a linguagem jornalística foi uma das ferramentas intelectuais que sustentaram a dinâmica e a lógica da modernidade, e acrescenta:

Sem o jornalismo, a sociedade da modernidade não conseguiria estabelecer os princípios do nacionalismo, das identidades culturais, das fronteiras estéticas, da massa crítica, da formação da chamada opinião pública e dos signos da sociedade da informação (Marshall, 2003:157).

De fato, o jornalismo está atrelado a toda uma estrutura social e é difícil separá-lo da realidade, visto que suas manifestações influem na produção de sentido na sociedade. E ainda, é no meio social que o jornalismo realiza sua função maior que é informar. Vejamos o que diz Lima a esse respeito:

Essa função informativa é, pois, o primeiro e precípua fim do jornalismo. É para isso que o jornalismo tem de estar a par das coisas, estar bem informado para poder informar. É para isso que ele tem de viver no meio dos acontecimentos, em pleno fluxo vital (Lima, 1990:60).

Dessa forma, a função informativa do jornalismo está ligada também ao conteúdo que é focado de modo a estabelecer a comunicação com seus leitores de forma séria e comprometida com a veracidade das informações. E a forma de como o conteúdo é apresentado nas diferentes línguas e culturas nos leva a considerar os aspectos que diferenciam as culturas e a aplicação dessas diferenças na tradução desse conteúdo.

A comunicação jornalística é, por definição, referencial e fala de algo do mundo, exterior ao emissor e ao receptor. Isto impõe o uso obrigatório de terceira pessoa, e deve ser uma linguagem prática que permita ao leitor sua compreensão. A linguagem jornalística é “basicamente constituída de palavras, expressões e regras combinatórias que são possíveis no registro coloquial e aceitos no registro formal” (Lage, 1998:38; grifos do autor).

Ainda de acordo com Lage (ibid.), essa linguagem deve se adaptar às mudanças que a língua sofre, incorporando ao vocabulário de base uma série de palavras ligadas ao contexto atual da produção do texto. E as ações com a linguagem, dentre outras, podem ser: avaliar, persuadir, informar, e as sobre a linguagem referem-se à criação de novos recursos expressivos a partir de recursos disponibilizados (processos metafóricos, paráfrases, de estruturação sintática e outros).

Nesse contexto, Melo apresenta um conceito de jornalismo que está ligado à sociedade, seus valores culturais e ideológicos:

O jornalismo é concebido como um processo social que se articula a partir da relação (periódica/oportuna) entre organizações formais (editoras/emissoras) e coletividades (públicos receptores), através de canais de difusão (jornal/rádio/revista/televisão/cinema) que asseguram a transmissão de informações (atuais) em função de interesses e expectativas (universos culturais ou ideológicos) (Melo 2003:17).

Essa transmissão das informações, descrita por Mello (ibid.), em função de interesses também está presente no modelo de Esser, pois nos leva a questionar a visão consensual do compromisso com a neutralidade no meio jornalístico, noção similar à visão da tradução isenta (literal) que desconsidera o dinamismo da linguagem e os fatores que influenciam o processo de formação de sentido nas diferentes culturas.

Nesse sentido, vejamos a opinião de Bucci:

O relato, qualquer que seja ele, é um discurso e, como tal, é inevitavelmente ideológico: mesmo quando sincera e declaradamente não opinativo, o relato jornalístico é encadeado segundo valores que obrigatoriamente definem aquilo que se descreve. A objetividade perfeita nunca é mais que uma tentativa bem intencionada (Bucci, 2000:51).

Assim, no pressuposto de Bucci (ibid.) existe uma aceitação de que o jornalista deixa suas marcas em seu trabalho, pois ele tem em suas mãos a decisão de como determinada notícia ou reportagem chegará à sociedade.

Nesse sentido, as esferas do modelo de Esser (1998) são as diretrizes dessa escritura por parte do jornalista. E os parâmetros por ele discutidos condicionam a avaliação e a interpretação dos fatos pelos profissionais do jornalismo.

Dessa maneira, o trabalho de Esser apresenta os elementos que nos permite caracterizar questões explícitas da escritura e da tradução jornalística. E não só explica como também justifica

os diferentes enfoques e abordagens dados à notícia, apresentando parâmetros que condicionam tanto a avaliação como a interpretação dos fatos que norteiam o trabalho dos jornalistas. Em seu trabalho, ele postula que somente em estudos comparativos internacionais podem ser identificados efetivamente os fatores de influência que permitem que o jornalismo de cada país possa ter sua identidade nacional e cultural.

Partindo do trabalho de Esser (1998), Zipser (2002) estabelece uma ponte entre os estudos jornalísticos e os da tradução, possibilitando uma reflexão sobre a prática tradutória nas redações, estudando-se eventuais deslocamentos de enfoque do fato noticioso, assumidamente traduzido ou retextualizado pelas agências de notícia internacionais. A pesquisadora fundamenta reflexões sobre o conceito de tradução no meio jornalístico transpondo a noção consensual de tradução como transcodificação para a noção de tradução como representação cultural, ou seja, a tradução voltada à letra e a sua noção mais ampla como matéria a ser retrabalhada até se transformar em notícia.

Sendo assim, a aproximação de Esser com os Estudos da Tradução acontece, em abordagem funcionalista, a saber: i) no fato de o jornalismo e a tradução estarem intimamente ligados às esferas social e cultural; ii) na sua associação com o modelo de tradução proposto por Christiane Nord (1991) que igualmente apresenta fatores de influência na tradução externos e internos ao texto, resultando em uma dinâmica comparável nos dois modelos propostos.

2.2 Características do estilo revista e da reportagem

O texto jornalístico carrega em si especificidades. Por esta razão, torna-se necessário estabelecer técnicas que vão determinar um estilo próprio, uma ou várias características que, ao primeiro contato, darão ao leitor o entendimento de que à sua frente está um texto jornalístico. (Vilas Boas, 1996:7).

Nesse sentido, abordo aqui as características dos textos publicados em revistas, que exigem de seus profissionais uma escrita elegante e sedutora, pois como não há a urgência do jornal diário, eles têm, em tese, um pouco mais de tempo para produzi-lo. Da mesma forma, isso acontece com o leitor que dispõe de mais tempo para ler a reportagem de revista e quer ser seduzido por ela.

A linguagem utilizada na revista, de acordo com Vilas Boas (1996:15), segue critérios de clareza, isto é, deve-se descobrir a melhor forma de apresentar a matéria, e ainda passar a informação e, porque não dizer, entretenimento, de um modo sedutor.

Por isso, ao construir o texto, o jornalista leva em consideração o receptor ideal da mensagem, ou seja, o público para o qual aquela mensagem está sendo produzida. Por meio das palavras utilizadas, é possível despertar no receptor o que lhe faltava ou o que ele buscava.

A revista National Geographic tem seu foco na valorização da natureza, da história e das variedades culturais. É uma revista de alto nível, tanto intelectual quanto científico, utiliza-se de um vocabulário elaborado, e tem também um leitor específico, com um perfil previamente determinado. Esta é uma revista especializada e, de acordo com Boas (1996:71), “a

especialização de uma revista pode ser temática ou segundo a segmentação dos leitores” e continua “Roberto Civita, presidente do grupo Abril, acha que para uma revista sobreviver é preciso saber definir bem o seu público”. Assim, podemos fazer uma ponte com a teoria funcionalista de Christiane Nord (1991) já que é preciso conhecer o perfil – principalmente cultural - do leitor em questão para que o texto cumpra sua função, seja informar ou persuadir, quando, finalmente, chega às suas mãos.

Outro ponto importante a ressaltar é que a reportagem pode nascer de uma notícia. Assim, “a reportagem amplia uma simples notícia de poucas linhas, aprofundando o fato no espaço e no tempo [...]” (Medina,1978, apud Coimbra, 1993:9).

Desse modo, o jornalista também aprofunda seu conhecimento sobre o assunto e reúne todas as informações possíveis, contudo faz uma triagem das informações, visto que uma reportagem pode verter para tantos assuntos, que é importante uma delimitação do tema.

Além disso, o produtor da matéria busca informações sobre alguns elementos que estão à volta do assunto tratado como, por exemplo, as questões culturais e históricas. Principalmente quando se trata de reportagens internacionais, este é o pressuposto de Kotscho:

Nas coberturas no exterior, não basta relatar o que aconteceu: é preciso ajudar o leitor a entender por que tais fatos estão ocorrendo, situando-os dentro de um contexto histórico e lembrando as características de cada país (Kotscho,1995:29).

E por meio da reportagem é possível mostrar porque uma determinada notícia entra para a história, pois se desdobra e dá amplo relato aos fatos principais e também aos fatos subjacentes

da notícia. “Quando uma notícia salta de uma simples nota para uma reportagem, é preciso ir além, detalhar, questionar causas e efeitos, interpretar, causar impacto” (Boas, 1996:43).

2.3 Tradução: sob a perspectiva e o modelo de Christiane Nord

2.3.1 Considerações Gerais

O tradutor não é o emissor da mensagem do texto-fonte, mas um produtor textual na cultura-alvo, que adota a intenção de alguém a fim de produzir um instrumento comunicativo para a cultura-alvo [...] (Nord, 1991:11).

Christiane Nord, de nacionalidade alemã, é professora e pesquisadora da área de tradução, e atualmente desenvolve seus trabalhos na área de teoria, metodologia e didática da tradução. Utilizo como embasamento teórico seu livro *Text Analysis in Translation*, publicado originalmente em alemão, em 1988, e traduzido pela própria autora, para o inglês, em 1991.

Nesse livro, Nord apresenta um modelo de tradução orientada para análise textual que serve como base teórica para os Estudos da Tradução, para a instrução de tradutores e a prática de tradução, que é também utilizado para justificar as escolhas de tradução, para sistematizar problemas de tradução e para entender as normas de tradução mais claramente.

Esse modelo de análise textual pode ser aplicado a textos traduzidos ou não, desde que tenham sido extraídos do mesmo meio (revista, jornal, etc.), que tratem do mesmo assunto e que sejam em línguas diferentes. Segundo a autora, o modelo preocupa-se com os universos da cultura, incluindo linguagem, comunicação e tradução.

Para o conceito de tradução, a autora utiliza a base funcional, isto é, com seu foco na função ou nas funções dos textos e das traduções. De acordo com Nord (1997a:9), a abordagem funcional para a tradução foi primeiramente sugerida por Reiss (1971), embora ainda dentro da teoria da equivalência. Ela desenvolveu um modelo de tradução crítica baseada nas relações funcionais entre o texto-fonte e o texto-alvo. De acordo com Reiss, a tradução ideal seria aquela “na qual o propósito na língua-alvo é equivalente ao conteúdo, à forma lingüística e à função comunicativa do texto da língua-fonte” (1977, tradução em 1989:112, apud Nord, 1998:9).

E em 1978, Vermeer postula que, como regra geral, é o propósito do texto traduzido que vai determinar os métodos e as estratégias de tradução, formulada como a *skopos rule* (1978/1983:54, apud Nord, 1991:4), a qual posteriormente tornou-se o componente principal de sua teoria geral da tradução chamada de *Skopostheorie* (cf. Reiss e Vermeer, 1984), que foi uma combinação da teoria geral do *Skopos*, de 1978, de Vermeer, com a teoria específica da tradução desenvolvida por Reiss. A palavra *skopos* é de origem grega que significa “propósito, objetivo” (Nord, 1997a: 27; grifos da autora). Além disso, de acordo com Nord (*ibid.*: 12), a combinação da teoria geral do *skopos* com a teoria de tradução de Reiss foi possível porque a *Skopostheorie* foi desenvolvida como a origem de uma teoria geral da tradução capaz de envolver teorias relacionadas a línguas e culturas específicas. Assim, o ponto principal sobre a abordagem funcional adotada por Nord é a função prospectiva ou *skopos* do texto-alvo.

Ademais, Nord entende a tradução como “comunicação intercultural” (1991: 4; grifos da autora), que é marcada culturalmente e tem seus propósitos baseados no leitor em prospecção. A comunicação ocorre entre as duas culturas que estão envolvidas na transmissão da mensagem, e o texto só poderá ser entendido e analisado dentro e em relação ao contexto dessa comunicação. Dessa forma, vejamos qual o conceito de cultura para a autora:

Entendo por “cultura” uma comunidade ou grupo que se diferencia de outras comunidades ou grupos por formas comuns de comportamento e ação. Os espaços culturais, portanto, não coincidem necessariamente com unidades geográficas, lingüísticas ou mesmo políticas (Nord, 1993:20; grifos da autora; apud Zipser, 2002:38)⁴.

Assim, em seu outro trabalho, Nord (1997:34) diz que “traduzir significa comparar culturas”. Os tradutores interpretam a cultura-fonte de acordo com seus próprios conhecimentos daquela cultura, dependendo do propósito da tradução. De acordo com Witte (1987:119; apud Nord, 1997:34), “uma cultura estrangeira só pode ser observada em comparação com a nossa própria cultura”, e Nord (ibid.) explica que tudo o que nós observamos ser diferente de nossa cultura, para nós, é específico de outra cultura.

2.3.2 Funções do texto e da tradução

A perspectiva interativa (teoria e prática) de Nord faz da tradução um processo que se realiza no interior da linguagem e através dela, sendo a função do texto o pressuposto para uma situação comunicativa.

Como vimos na seção anterior, a tradução é vista como uma comunicação intercultural, que tem um propósito, uma função (skopos) que não é somente uma característica constitutiva fundamental dos textos, mas também determina as estratégias de sua produção. Nesse contexto, “um texto é uma ação comunicativa que pode ser realizada através da combinação de recursos

⁴ Unter “Kultur” verstehe ich eine Gemeinschaft oder Gruppe, die sich durch gemeinsame Formen des Verhaltens und Handelns von anderen Gemeinschaften oder Gruppen unterscheidet. Kulturräume fallen daher nicht zwangsläufig mit geographischen, Sprachlichen, oder gar staatlichen Einheiten zusammen. (grifos da autora) e (tradução de Zipser, 2002).

verbais e não-verbais” (Nord, 1991:15). E ela completa dizendo que no processo de tradução, dependendo da função e das estratégias de produção é que o tradutor pode optar por mudar elementos não-verbais para elementos verbais e vice-versa. A tradução deve conter o máximo de informações sobre os fatores situacionais da recepção prospectiva do texto traduzido, tais como: o público idealizado (addressee) ou os possíveis receptores, tempo e lugar da recepção, meio, etc.

A tradução é sempre realizada para uma situação alvo com seus fatores determinantes (receptor, momento e lugar da recepção, etc.), na qual o texto-alvo está possibilitado a cumprir certa função que pode e, de fato, deve ser especificada durante seu desenvolvimento (Nord, 1991:28; minha tradução)⁵

E a autora continua aliando a função à comunicação intercultural:

A função de um texto-alvo não é obtida automaticamente a partir de uma análise do texto-fonte, mas é pragmaticamente definida pelo propósito da comunicação intercultural (ibid.: 9; minha tradução)⁶.

Assim, a função só pode ser apontada no texto pelo receptor na ação da recepção. Isso nos leva a concluir que um texto pode ter várias funções tanto quanto tem vários receptores, pois cada pessoa lê o texto de um modo diferente.

Dessa forma, o papel do destinatário é essencial, pois o emissor no processo de produção do texto baseia-se no conhecimento que (supostamente) tem do receptor. Nesse processo, a autora

⁵ Translation is always realized for a target situation with its determining factors (recipient, time and place of reception, etc.), in which the target text is supposed to fulfil a certain function which can and, indeed, must be specified in advance.

distingue a lealdade ao receptor (Loyalität), da fidelidade ao texto-fonte (Treue), que depende da tipologia textual. E tanto para Nord quanto para Esser, o processo de produção textual, preponderantemente, não se volta para trás, isto é, para o texto-fonte, mas para frente, para o leitor em prospecção. A partir disso, Zipser (2002) traça um paralelo com o texto jornalístico, no qual o emissor-jornalista apresenta uma determinada informação para seu leitor, e como o texto jornalístico constitui um produto vendável, ele precisa adequá-la ao seu receptor. “Assim, podemos definir o trabalho da escritura do texto jornalístico como sendo uma “tradução” prospectiva do fato noticioso, por excelência” (Zipser, 2002:40; grifos da autora).

Desse modo, com o intuito de facilitar a análise das funções por parte do tradutor, Nord (1997b: 46) utiliza um modelo das funções da linguagem baseado no modelo desenvolvido por Bühler (1934) e Jakobson (1960), e consiste de quatro funções básicas com algumas subfunções em cada uma delas.

- Função referencial: (objetiva) refere-se a objetos e fenômenos do mundo. Subfunções: informativa, instrutiva, didática, etc.
- Função expressiva: expressão da atitude (subjetiva) do emissor ou emoções frente às coisas ou os fenômenos do mundo. Subfunções: emotiva, irônica, etc.
- Função apelativa: apela diretamente à experiência e aos conhecimentos prévios do receptor movendo-o para reagir de alguma maneira. Subfunções: ilustrativa, persuasiva, imperativa, publicitária, etc.

⁶ The function of the target text is not arrived at automatically from an analysis of the source text, but is pragmatically defined by the purpose of the intercultural communication.

- Função fática: estabelece, mantém e finaliza o contato (social) entre o emissor e o receptor. Subfunções: saudação/despida, estabelecimento de uma relação social entre os comunicantes, etc.

Nord (ibid.: 40-42) completa dizendo que a função referencial é expressa por meio de valores indicativos dos itens lexicais presentes no texto e depende da compreensibilidade do texto. A função expressiva pode ser verbalizada explicitamente pelos adjetivos emotivos, mas que depende dos valores e das conotações que esses adjetivos têm de cada cultura. A função apelativa usa indicadores diretos como imperativos ou questões retóricas. A função fática depende de itens lingüísticos para estabelecer contato. Contudo o problema é que uma forma que é convencional em uma cultura pode não ser em outra.

Como vimos, o esquema apresentado corresponde às situações comunicativas nas quais as funções são utilizadas, e as diferentes funções requerem diferentes estratégias de tradução.

2.3.3. Fatores intratextuais e extratextuais no processo de tradução

O modelo de análise textual de Nord (1991) apresenta os fatores internos e externos ao texto, e a análise desses fatores possibilita a identificação dos elementos do texto 1 e do texto 2 com base na comunicação intercultural. Essa é a proposta de Nord (1991:12): mostrar, pelas experiências, o texto como uma ação interativa que acontece numa situação de comunicação, em especial quando envolve duas culturas, e, ainda, que os textos trazem consigo as experiências e as expectativas de outros textos, sempre marcados culturalmente.

Partindo dos conceitos acima citados, o modelo de Nord (1991), traduzido para o português na Figura 2.2., sugere uma estrutura sistemática para análise dos fatores que envolvem e compõem o texto. Tais fatores são chamados de extratextuais e intratextuais, ou simplesmente externos e internos.

Os extratextuais, segundo Nord (1991:36), são analisados por meio de perguntas feitas sobre o autor ou o emissor do texto (quem?), a intenção do emissor (para quê?), o destinatário ou receptor do texto (para quem?), o meio ou canal pelo qual o texto é comunicado (qual meio?), o lugar (onde?), o tempo (quando?), e qual o motivo (por quê?) da comunicação. Depois de respondidas estas perguntas será possível responder a última questão que se refere à função do texto (com qual função?).

Os fatores intratextuais são analisados pelas perguntas sobre o assunto do texto (sobre qual tema?), informação ou conteúdo presente no texto (o quê?), as pressuposições feitas pelo autor (o que não?), a composição ou construção do texto (em qual ordem?), os elementos não-lingüísticos do texto (usando quais elementos não-verbais?), as características lexicais (em quais palavras?), e estrutura sintática (qual tipo de oração?), e qual o tom em que tais informações são veiculadas (marcas suprasegmentais). A última questão, (qual o efeito do texto?), refere-se à interdependência ou a interação dos fatores intra e extratextuais.

TEXTO 1 - TEXTO 2 -			
	TEXTO FONTE: PORTUGUÊS	QUESTÕES DE TRADUÇÃO	TEXTO –META: INGLÊS
FATORES EXTERNOS AO TEXTO			
Emissor			
Intenção			
Receptor			
Meio			
Lugar			
Tempo			
Propósito (motivo)			
Função textual			
FATORES INTERNOS AO TEXTO			
Tema			
Conteúdo			
Pressuposições			
Estruturação			
Elementos não-verbais			
Léxico			
Sintaxe			
Elementos supra-segmentais			
Efeito do texto			

Fig. 2.2. O Modelo de Christiane Nord (1991) – Tradução de Zipser (2002:50).

Assim, a interação desses fatores pode ser expressa pelo conjunto de perguntas identificadas em inglês como WH-questions. Essa proposta é, inicialmente, do meio jornalístico, por meio do trabalho de Lasswell, segundo o qual um texto, logo nas primeiras linhas, deverá responder estas perguntas que englobam os pronomes interrogativos de tempo, modo e lugar entre outros, e foram apresentadas por Nord (1991:36):

Quem transmite

Para quem?

Para quê?

Por qual meio?

Onde?

Quando?

Por quê?

Um texto

Com qual função?

Sobre qual assunto

Ele/Ela diz

O quê?

(o que não?)

Em qual ordem?

Usando quais elementos não-verbais?

Em quais palavras?

Em qual tipo de frases?

Em qual tom?

Para qual efeito?

Vale lembrar que a ordem dessas perguntas não é aleatória. Segundo Nord elas remontam aos princípios da Lei de Lasswell citados acima.

Essa linha de trabalho da autora é didática e desenvolvida para trabalho em sala de aula de tradução, e pretende estabelecer os limites reais entre a função textual, efeito do texto e a intenção do emissor. A interação apresentada pela autora fecha o círculo das perguntas, que podem ser designadas para análise de ambos os fatores, dependendo de sua relação com a situação de comunicação.

O trabalho com os textos jornalísticos nos levou a priorizar alguns elementos do modelo apresentado acima: o léxico e as pressuposições que serão tratadas a seguir.

Conforme apontado por Nord (1991:111), “as características do léxico usado em um texto representa uma parte importante em todas as abordagens da tradução orientada para a análise de textos”. Ela ainda diz que “a escolha lexical em um é determinada por ambos os fatores extratextuais e intratextuais” (ibid.:112).

Assim, quanto aos fatores intratextuais que têm sua marcação no léxico, Nord (ibid.) menciona dois principais: o assunto e o conteúdo da matéria. Isso parece meio evidente, pois dependendo do assunto a ser tratado, determinadas palavras terão necessariamente que ser usadas. Quando se fala, por exemplo, de futebol, o vocabulário será direcionado àquele tema.

Quanto aos extratextuais, a influência de cada um deles sob o léxico é tão forte que Nord (ibid.:112-117) explica cada um separadamente a fim de mostrar seu impacto sobre a escolha dos itens lexicais, conforme segue:

1. Emissor – se o texto contém alguma informação externa ou algum indício sobre o emissor (tempo, origem social e geográfica, educação, etc.).
2. Intenção – se a intenção do emissor está refletida no texto; se estiver, de que forma; e se não houver informação externa, qual intenção pode ser pressuposta a partir do uso das palavras.
3. Receptor – se o receptor foi mencionado no texto com o uso da 2ª pessoa (e.g., você), se o direcionamento ao receptor está refletido no léxico, pelo uso de determinadas palavras.
4. Meio – se o meio influencia o estilo do léxico (coloquial ou formal), ou a formação das palavras.
5. Lugar – se o texto contém itens que se referem ao background cultural, como nomes próprios, termos institucionais ou culturais.
6. Tempo – este aspecto é muito relevante para as marcas temporais em certos itens lexicais, e para a tradução, pois em texto antigos os modernismos não serão encontrados e vice-versa.

7. Motivo (propósito) – se o motivo ou a ocasião da comunicação influencia a escolha lexical e se isso requer um estilo particular de escrita.
8. Função textual (em relação à tipologia textual) – como ela é refletida na escolha lexical e se há itens lexicais que caracterizam certos tipos de texto.

Quanto às pressuposições, elas “incluem todas as informações que o emissor espera (= pressupõe) que seja parte do “horizonte” do receptor” (Nord, 1991: 96; grifos da autora). Desde que o emissor objetive que sua elocução seja entendida, parece lógico que ele só irá pressupor informações que o receptor consiga reconstruir. Há algumas maneiras de perceber as pressuposições em um texto. Bastian (1979:93, apud Nord, 1991:99) sustenta que um texto contém certos “elementos de cristalização” que podem indicar pressuposição. E Helbig (1980, apud Nord, 1991:100) aponta que esses elementos podem estar vinculados a determinadas estruturas sintáticas e lexicais. Outra forma de identificação é por meio dos elementos não-verbais, como as figuras e fotos que podem indicar pressuposição.

Assim, quando se produz um texto, o autor deve levar em conta o que ele considera ser o background do receptor.

3. DISCUSSÃO

3.1. Introdução

O presente capítulo, destinado à discussão dos resultados mostra, de um modo prático, as constatações obtidas com base nos procedimentos metodológicos adotados neste trabalho. O corpus concentra-se em textos jornalísticos de revista. Esses textos apresentaram-se como um desafio, pois no primeiro momento eles pareciam tão idênticos, as mesmas figuras, o mesmo número de páginas, que não se sabia, a priori, o que encontraria neles. Contudo, no estudo detalhado notei que há muitas diferenças, principalmente no campo lexical. E são essas diferenças que apresento nesta seção, com o intuito de comprovar a hipótese da existência de marcas culturais presente nos textos, levando-se em consideração a cultura, a língua em que eles estão inseridos e também o receptor desses textos, pois tanto a tradução quanto o jornalismo constroem seus textos com foco no seu leitor.

E o leitor realmente desempenha um papel de grande importância, pois de nada serviria elaborar, pesquisar e produzir um texto se ninguém o lesse, seria quase o mesmo que um professor que prepara sua aula, busca o material, pesquisa sobre o assunto e acaba não dando essa aula. Houve toda uma preparação, quando sua função maior se cumpriria, quando as informações chegariam até seus alunos, isso não acontece; logo, todo o trabalho teria sido em vão. É o mesmo que acontece com a tradução e com o texto jornalístico, há uma preparação e uma produção

baseada em determinados propósitos, visando atingir seu leitor. Se os textos não chegarem aos leitores, não terão cumprido sua função.

Sob o enfoque da tradução, devemos considerar que há uma tradução propriamente dita do texto jornalístico em estudo, isto é, a passagem da reportagem da língua-fonte (inglês) para a língua-alvo (português). Para o conceito de tradução utilizo os princípios funcionais de Christiane Nord (1991), conforme já apresentado no marco teórico (Cap. II), e o conceito de “tradução” em um sentido mais amplo, como “representação cultural” (Zipser, 2002), mostrando que em cada cultura o assunto ou o fato podem ser representados de forma diferente, dependendo do propósito e da intenção do texto. Neste estudo, essas diferenças são apresentadas por meio das escolhas lexicais.

Vale lembrar que Nord (ibid.) usa o termo tradução como comunicação intercultural, pois a tradução é de fato uma comunicação, uma relação entre duas línguas que ocorre entre culturas. E sob esse aspecto, a autora diz que o tradutor ocupa uma posição central, visto que é um intermediador cultural e um receptor do texto-fonte e um produtor do texto-alvo, participando de ambas as situações: fonte e alvo. E ela complementa:

O tradutor é um tipo de receptor muito especial, não apenas do ponto de vista do emissor, mas também porque ele recebe o texto em uma situação muito peculiar. Ele não lê o texto por seus próprios propósitos. [...] Ele lê o texto-fonte no lugar do iniciador, ou outro receptor que pertença à cultura-alvo, a qual pode ser muito diferente da cultura-fonte⁷ (Nord, 1991:10; minha tradução).

⁷ The translator is a very special kind of recipient not only from the sender's point of view but also because he receives the text in a very peculiar situation. (...). He reads the ST instead of the initiator, or some other recipient who belongs to a target culture which may be quite different from a source culture.

Esse aspecto também é levado em consideração por Wolf (1995:127), quando diz que “o tradutor é praticamente o “primeiro leitor” da outra cultura quando presente em um texto de língua/cultura estrangeiras (grifos da autora).

Contudo, Nord (1991:10) complementa dizendo que ele é um “receptor crítico”, uma pessoa que visa, no mínimo, alcançar uma compreensão objetiva, cuidadosa e confiável do texto-fonte. Além disso, o tradutor, em muitos casos, não é o leitor esperado pelo autor do texto, não é o leitor previsto, e desempenha o papel não apenas de um simples leitor, mas o de um leitor que segue princípios e critérios de leitura.

É nesse momento, com o papel do tradutor, que retomo um dos propósitos deste estudo, pois a cultura é representada no texto pelas escolhas feitas por ele. O mesmo ocorre quando se fala em expansão e filtragem da informação no texto traduzido. Falo das aproximações culturais que o tradutor faz para chegar ao leitor. Esse tradutor figura como leitor-produtor, pois é ele que produz um novo texto com base em seu original.

Um exemplo bem claro dessa aproximação ou distanciamento do leitor aparece nas reportagens sobre a Cultura Afegã quando se menciona sobre a chegada do inverno naquele país, onde as temperaturas chegam próximas de congelamento. Já na tradução só se fala que o inverno chegou, sem maiores detalhes. Seria então uma aproximação cultural, pois o brasileiro não tem familiaridade com temperaturas congelantes, logo não seria necessário descrevê-las. Ressalto aqui, a importância de o tradutor ter pleno conhecimento da língua e cultura para a qual traduz, claro que neste caso são tradutores brasileiros, mas e se não fossem? Ele talvez não se ativesse a esse detalhe que pode, certamente, fazer diferença em uma tradução, pois marca a aproximação cultural realizada.

Outro ponto importante a ser destacado é a quantidade de informação requisitada aos leitores dessa reportagem. Os textos trazem informações sobre os conflitos existentes no Afeganistão, faz um resgate histórico sobre os tesouros e a cultura, bem como sobre a organização política do regime talibã. Assim, o jornalista está pressupondo que o receptor do texto tenha conhecimento sobre esses assuntos e o leva a fazer seu próprio resgate da história. Vejamos alguns exemplos:

Long a hub of trade flowing from east to west and north to south, Afghanistan is where caravans of bundled Chinese silk passed camels loaded with glass from ancient Rome. It's where classical Greek art fused with the sinuous sculpture of India. The storied city of Balkh at the foot of the central highlands is the legendary home of the great prophet Zoroaster, who lived here centuries before Alexander the Great arrived. And it was in this region that Buddhism was transformed into a vibrant world religion (T1, p.32, linha 48).

[Durante muito tempo o centro do comércio circulava de leste a oeste de norte a sul, e o Afeganistão era o local onde as caravanas de seda chinesa passavam com camelos carregados de objetos de vidro da Roma antiga. Era o local onde a arte Grega clássica juntava-se com sinuosas esculturas da Índia. A histórica cidade de Balkh no sopé do planalto central é o local legendário do grande profeta Zoroastro, que viveu ali séculos antes do Alexandre Magno chegar. E foi nesta região que o Budismo foi transformado em uma forte religião mundial⁸.]

Outro exemplo de pressuposição⁹ inferida no texto quando se faz referência ao comércio de seda chinesa, aos objetos da Roma Antiga, à arte grega, esculturas da Índia, além de mencionar sobre Alexandre Magno e sobre o Budismo. Todos esses assuntos estão ligados à

⁸ Todas as traduções dos trechos do texto em inglês são de minha autoria.

⁹ A definição detalhada de pressuposição está presente no Cap. II, p. 45 destinado ao Marco Teórico.

história e à cultura mundial, talvez pelo fato dessa revista já ter o perfil de seu leitor previamente conhecido.

Vejamos mais um exemplo:

Most of the farmers in this impoverish province are ethnic Hazara, a Shite Muslin people long at the bottom of the Afghan tribal hierarchy. In 1999 the Taliban – largely ethnic Pashtun who practice Sunni Islam – damage or destroyed a third of all the houses in Bamian (T1, p. 34, linha 112). [Muitos dos agricultores dessa província são de etnia hazara, um grupo de muçulmanos xiitas que por muito tempo estiveram no mais baixo escalão da hierarquia tribal afegã. Em 1999, o Talibã – basicamente de etnia pashtun de pessoas que praticam o islamismo sunita – danificou ou destruiu um terço de todas as casas em Bamian.]

Nesse trecho, menciona-se as etnias dos agricultores da província, e quais etnias integram o Talibã, também sobre os muçulmanos e o islamismo. Ao fazer essas menções, há novamente uma pressuposição, por parte do autor da reportagem, que seu leitor tenha familiaridade com esses assuntos.

No decorrer da discussão, volto sempre a atenção aos objetivos deste trabalho, ou seja, validar a hipótese da existência de marcas culturais presentes nos textos, às escolhas lexicais que permeiam as mudanças de enfoque e as influências dessa marcação para a tradução e para o jornalismo.

As escolhas mencionadas acima também estão presentes no trabalho do jornalista, pois elas são feitas por ele, de acordo com seu próprio conhecimento e com o perfil da revista ou jornal para o qual escreve. Assim, no texto jornalístico, o profissional busca a melhor maneira de abordar o tema proposto considerando os traços culturais de cada país para realizar suas escolhas lexicais, já que falamos aqui de jornalismo em contexto internacional. De acordo com Esser

(1998), a cultura é vista como um fio condutor que liga três momentos: passado, presente e futuro, dentro dos quais os países são entendidos como culturas, cada qual construída de uma maneira ao longo da história.

Após a realização das primeiras análises, havia algumas dúvidas em relação aos enfoques dados às matérias nas diferentes línguas. Surgiu, então, a idéia de realizar uma entrevista com duas pessoas: uma, de origem americana, que lesse a versão estrangeira; a outra, brasileira, para a versão em português. O intuito era o de verificar qual leitura cada um dos entrevistados faria do texto, baseado em sua formação, seus valores sociais e culturais e seu conhecimento de mundo, bem como, constatar se, ao final de ambas as leituras, a visão do leitor seria a mesma. O detalhamento das entrevistas está presente no Anexo V deste trabalho.

A comprovação da hipótese e o agrupamento dos resultados serão apresentados no capítulo dedicado às Considerações Finais.

3.2. As revistas do corpus: descrição e perfil

O corpus deste trabalho, como já dissemos anteriormente, é composto pelas revistas National Geographic, em sua versão original em inglês, e sua tradução para o português. Apresentamos abaixo a descrição das duas revistas, com um relato histórico e o perfil tanto da revista quanto de seus leitores.

Contudo, antes de iniciar a exposição sobre a National Geographic em sua versão original é preciso falar um pouco da National Geographic Society, entidade na qual a revista teve seu início.

A National Geographic Society ¹⁰foi fundada nos Estados Unidos em 27 de janeiro de 1888, por 33 homens interessados em “organizar a sociedade para o aumento e difusão do conhecimento geográfico”. Seu primeiro presidente foi Gardiner Greene Hubbard e seu genro, Alexander Graham Bell, conseqüentemente seu sucessor. Seu propósito é elevar o conhecimento geral de geografia e de mundo ao público em geral. Para tanto, eles investigam e publicam uma revista mensal, a National Geographic.

A revista National Geographic publicou sua primeira edição ainda no mesmo ano da fundação da Sociedade. Tornou-se uma das revistas mais conhecidas do mundo, e é imediatamente identificável pela característica de ter as bordas amarelas.

A revista tem doze edições por ano (uma por mês), com alguma edição especial no decorrer do ano. Além de ser conhecida pelos artigos sobre os cenários, a história e as mais distantes extremidades do mundo, a revista é reconhecida também pela qualidade de seu material e por seu alto padrão de fotografia. Esse padrão faz dela a moradia para alguns dos chefes do fotojornalismo do mundo, já que em 1960 a revista começou a publicação de fotografias em suas capas, que antes continha apenas texto. Ela é também conhecida por proporcionar mapas detalhados das regiões que são visitadas. A coleção de mapas da Sociedade vem sendo usada pelo governo dos Estados Unidos em ocasiões em que seus próprios recursos cartográficos são limitados.

Desde 1888 até os dias atuais, a National Geographic é a revista mais importante da National Geographic Society, destacando a diversidade das nações mundiais e sua habitação através de fotografia espetacular, história pessoal e mapas ilustrativos.

¹⁰ Todas as informações sobre a Revista National Geographic e National Geographic Society foram adquiridas no

A revista ganhou em 1999 o prêmio mais prestigiado na indústria de revista. O desejado Ellie, premiada pela Sociedade Americana de Editores de Revista, que reconhece os talentosos editores, jornalistas e fotógrafos. Ela foi reconhecida pela excelência editorial em geral e pela circulação superior a um milhão de exemplares.

A National Geographic é uma revista lida por representantes de negócios de todo o mundo, que vêem essa publicação como uma fonte de informação segura e confiável. Tanto é que a National Geographic é a revista mais lida entre eles. Vejamos abaixo o perfil de seus leitores:

Categoria	Perfil	População em %
Gênero	Feminino	44%
	Masculino	56%
Idade	45.6 anos	
Educação	Ensino Superior	66%
Ocupação	Profissionais/Administradores e Diretores	27%

Fonte: 2003 Fall MRI

Tabela 3.1. Perfil Demográfico dos Leitores da National Geographic Americana

Ano após ano, os índices de renovação das assinaturas da National Geographic estão entre os mais altos da indústria de revistas. A média de leitores tem sido de um membro da National Geographic Society numa duração de doze anos. Os leitores passam quase uma hora com cada assunto da National Geographic. Seus assinantes geralmente mantêm as edições antigas (muitas outras revistas são descartadas depois de serem lidas), assim, eles podem obter reportagens de assuntos que lhes interessem e incluir nos volumes publicados anualmente. Vejamos a tabela abaixo:

site www.nationalgeographic.com e traduzidas por mim.

Categoria	Números
Circulação mundial	6.685.684
Circulação nos Estados Unidos	5.200.055
Assinaturas, preço básico	U.S. \$ 34

Fonte: ABC Publisher's Statement 06/30/03

Tabela 3.2. Perfil de Circulação da Revista National Geographic Americana

Em 1995, a National Geographic começou publicações em outros idiomas. O japonês foi o primeiro deles, e atualmente a revista é publicada em várias línguas em todo o mundo, incluindo: espanhol, hebraico, grego, francês, alemão, polonês, coreano, português, russo, etc.

Quanto à edição brasileira, obtive algumas informações com a editora da revista; contudo, quanto ao perfil dos leitores, foi pela análise das reportagens, do tratamento dos dados e das entrevistas realizadas, que consegui descrevê-lo.

A National Geographic Brasil traz o conhecimento e a beleza de uma revista reconhecida mundialmente aos leitores brasileiros. Os leitores encontrarão a mesma diversidade de assuntos da edição americana: explorações, civilizações, natureza, imagens surpreendentes e visão global. Só uma revista reconhecida mundialmente pode transferir para a sua marca uma imagem globalizada.

Os leitores dessa revista são pessoas com bom nível cultural, com bagagem de conhecimentos das áreas de história, cultura, sociologia, antropologia e arqueologia, tendo em vista que o vocabulário utilizado é bem elaborado.

Apresento abaixo uma tabela com uma breve descrição do perfil dos leitores da National Geographic Brasil. Essa amostragem tem sua importância, pois a produção de textos, tanto de

jornalismo quanto de tradução tem seu foco voltado ao leitor, e é este que vai exercer influência no direcionamento que o jornalista e/ou tradutor dará a seu trabalho.

Sexo		Classe Social			Idade (em anos)				
M	F	A	B	C	10 a 19	20 a 24	25 a 39	40 a 49	+ de 50
60	40	36	48	14	22	12	31	19	19

Fonte: site da publiabril – www.publiabril.com.br

Tabela 3.3. Descrição do Perfil geral dos leitores (em %) da National Geographic Brasil

A tabela acima mostrou que os leitores, em sua maioria, são homens, de classe social B – média, e a idade que apresenta mais leitores varia de 25 a 39 anos. Assim, pela idade com maior porcentagem, pode-se notar que seus leitores são pessoas que estão em plena atividade profissional, e possivelmente tenham interesses tanto relacionados ao seu trabalho, quanto em interesses pessoais, para conhecimento e enriquecimento histórico-cultural.

Mostramos abaixo outra tabela com a circulação da revista no Brasil.

Assinaturas	Avulsas	Total	Exterior	Mês – IVC
41.000	13.000	54.000	11	Novembro/2004

Fonte: site da publiabril – www.publiabril.com.br em 24/05/2005.

Tabela 3.4. Circulação Geral da National Geographic Brasil

Como observamos, o número de revistas vendidas por meio de assinaturas é quase quatro vezes maior que os exemplares avulsos. Isso mostra que a revista possui um público fiel, com características peculiares e interesses bem determinados, pois ninguém assinaria uma revista com esse perfil se não tivesse uma identificação com ela, seja com a própria ideologia da revista, seja pelos assuntos nela apresentados.

A fidelidade do leitor reflete a qualidade do material produzido, pois o alto número de assinantes de ambas as edições mostra sua aceitação perante um público mais selecionado, isto é, um público que pode manter a assinatura de uma revista especializada.

3.3. Os textos do corpus: apresentação e caracterização

3.3.1. O texto *Saving Afghan Culture*, National Geographic – Estados Unidos (T1)

Esse primeiro texto é a versão original da reportagem, produzida pela edição americana da revista National Geographic.

A matéria escolhida é assinada por Andrew Lawler, e seu tema está mencionado no título *Saving Afghan Culture* (Resgate da Cultura Afegã), que grafado em letras grandes, marcando os elementos supra-segmentais, e a palavra *Saving* em vermelho para chamar a atenção. Contudo, não explicita qual aspecto da cultura se quer resgatar. Esse aspecto poderá ser notado quando se observa a imagem que compõe a primeira página: são fotos de objetos históricos e de um cinturão de ouro. Outro aspecto é o assunto principal: o resgate da cultura afegã, mas há vários outros assuntos compondo o conteúdo como o reaparecimento dos tesouros, e principalmente a preocupação dos chefes de governo em preservar o patrimônio histórico-cultural e seu descaso com a população, como se apenas os objetos históricos fizessem parte da cultura, apontando também para a política interna daquele país. É preciso lembrar que o assunto tratado está inserido em um determinado contexto cultural (o resgate dos tesouros do Afeganistão) o qual não é universal. Assim, o tradutor precisa ter cuidado em relação às possíveis pressuposições existentes

no original, e se essas serão relevantes e entendidas pelos receptores do texto de chegada. Isso porque muitas vezes as pressuposições mudam de uma cultura para outra.

Já no subtítulo inserido na primeira página da reportagem, pode-se observar o resgate histórico que será apresentado, no qual o leitor é conduzido a reativar sua memória para os fatos que ocorreram no Afeganistão em tempos passados:

Against all odds, a country shattered by more than two decades of upheaval begins to rescue its ancient treasures. (T1, p. 29)

[Em oposição a todas as desigualdades, um país destruído por mais de duas décadas de conflitos começa a resgatar seus antigos tesouros.]

As palavras iniciais “em oposição a todas as desigualdades” dão o direcionamento do texto, e marcam uma pressuposição, pois remete a acontecimentos passados. Contudo, pode ser que nem todos os receptores têm conhecimentos desses fatos, no entanto, sabe-se que foi um país marcado por conflitos, invasões e disputas. E no subtítulo diz que apesar de tudo isso, o país está tentando resgatar seus tesouros e vai nos mostrar ao longo do texto como se pretende fazer isso. Revelando, também, a intenção do autor convidando o leitor a buscar mais informações sobre o país e sua história.

A reportagem é composta por quatro parágrafos longos, aproximadamente de duas páginas, todos eles têm seu início com a primeira letra em uma fonte grande para enfatizar o início de um novo tópico.

Algumas das citações em destaque trazem palavras na cor vermelha para enfatizar que está dizendo e marcar o tom¹¹ do texto. E em relação a essas citações, observamos que, no decorrer da matéria, elas podem ter um tom de ironia, e, de acordo com Nord (1991), algumas aspas que marcam as citações podem denotar um sentido irônico. Este sentido está relacionado também à função textual, que, além de referencial, tem marcas da função expressiva que denota justamente essa ironia:

The question facing Afghanistan is this:

Can a country in such turmoil really afford to save its heritage – or must it choose between feeding and housing its people and preserving its history? (T1, p. 36 - subtítulo).

[Esta é a questão que o Afeganistão enfrenta: pode um país em tal desordem dar-se ao luxo de salvar seu patrimônio – ou ele deve escolher entre sustentar e abrigar seu povo e preservar sua história?]

Nesse trecho, é mostrada uma questão que atormenta e preocupa talvez muito mais a população do que os próprios governantes. E o sentido irônico é percebido pelo fato de ser um questionamento, e também por estar colocando os dois lados da questão: será que é possível escolher entre preservar seu patrimônio e cuidar de seu povo? Pelo que vimos esse questionamento faz o leitor refletir sobre a possibilidade de escolha, isto é, se houver como escolher entre um e outro.

A presente reportagem tem o intuito de despertar alguns sentimentos no leitor. Vimos acima o tom de ironia, mais abaixo veremos o dramático e também um ar de esperança, que as coisas podem melhorar. Esse tom dramático tem o intuito de realmente despertar um sentimento de justiça, como se ao tocar o leitor, este pudesse ajudar de algum modo.

¹¹ Tom é entendido, aqui segundo o dicionário Houssais (2001:2731), como “inflexão de voz; maneira de se expressar, falando ou escrevendo; entoação, modo de encarar um assunto; ponto de vista; estilo [...]”.

But still at risk are thousands of Works of art and archaeological artifacts – evidence of the area’s rich complex history (T1, p.32, linha 45).

[Mas ainda milhares de obras de arte e artefatos históricos estão correndo perigo – indício de uma área rica e de um complexo histórico.]

As páginas seguintes do texto mostram um tom de esperança, que apesar de todos os conflitos e das destruições das estátuas dos Budas, ainda há uma chance de recuperar o que foi perdido, e Zaliq pensa até em transformar Bamian em um destino turístico, mas, segundo os arqueólogos e conservacionistas, é algo improvável.

“We want to see the statues rebuilt,” says Abdul Halek Zaliq, deputy governor of the region, eyeing the battered niches hopefully. “We’re confident Bamian will become a tourist center (T1, p. 32, linha 73).

[Nós queremos ver as estátuas reconstruídas, diz Abdul Halek Zaliq, membro do governo da região, olhando esperançoso para os nichos destruídos.]

Nas últimas páginas da reportagem, observamos uma citação do Mohamed Ahmadi, aquele que encontrou o tesouro, fazendo um desabafo, mostrando sinceridade e sua realidade e sensibilizando ainda mais o leitor.

“I’m confused”, Ahmadi said, as we stopped to let him out of the car following our interview. “Everyone knows my story, but I don’t know what to do. These objects are for all afghans. Right now they’re under the control of the people with guns” (T1, p. 41, linha 350).

[“Eu estou confuso”, disse Ahmadi, enquanto paramos e o deixamos para fora do carro para dar continuidade a entrevista. “Todos conhecem minha história, mas eu não sei o que fazer. Estes objetos são para todos os afegãos. Justamente agora eles estão sob o controle de pessoas armadas”].

Trata-se de um texto que resgata a história cultural, política e econômica de um país, a recuperação de um tesouro e todos os conflitos por ele gerados, pois, em vários momentos, dá-se ênfase ao resgate do patrimônio histórico em detrimento da população, e a revolta do povo que foi expulso de seu lar para preservação do patrimônio.

3.3.2. O texto A Eterna Cultura Afegã, National Geographic – Brasil (T2)

Este segundo texto é a versão traduzida da reportagem, feita por uma equipe de tradutores colaboradores da National Geographic Brasil. A matéria é assinada por Andrew Lawler; contudo, em lugar algum da reportagem, menciona-se que o texto é uma tradução. Apenas na ficha editorial aparece o nome de três pessoas compondo uma equipe de colaboradores (tradutores). No entanto, há indícios de que a reportagem é estrangeira pelo nome do jornalista e do fotógrafo, mesmo assim seria importante que cada reportagem apresentasse o nome das pessoas que a traduziram, para mostrar que o texto é de Andrew Lawler, mas passou pela mão de outras pessoas até chegar ao leitor brasileiro.

Essa falta de informação sobre os tradutores mostra as relações de poder existentes no âmbito da tradução. Esse assunto vem sendo estudado por alguns teóricos, dentre eles, citamos Venuti (2002:66) quando aborda a domesticação dos textos traduzidos, isto é, o texto traduzido como se fosse o original.

Na prática, o fato da tradução é apagado pela supressão das diferenças culturais e lingüísticas do texto estrangeiro, assimilando-as a valores dominantes na cultura da língua-alvo, tornando-a reconhecível e, portanto, aparentemente não-traduzida (Venuti, 2002:66).

Essa omissão de que o texto é uma tradução às vezes pode passar despercebida pelo leitor, que lê achando que o texto foi originalmente escrito naquela língua. Sabemos que muitos escritores e jornalistas estrangeiros dominam outros idiomas e até escrevem em outras línguas. Contudo, ainda é grande o número de textos que passam pela tradução para serem publicados em outros idiomas.

Adotando uma linha de reflexão que remonta, no que tange à tradução, a Schleiermacher (1813), Venuti (1995) defende, na relação tradutória que se estabelece entre culturas periféricas e culturas centrais, uma opção deliberadamente estrangeirizadora (*foreignizing*), com vistas a evitar o apagamento da alteridade, tida como conveniente para a cultura central, dominante, mas, na essência, desvantajosa – posto que empobrecedora – para ambas as partes.

Ainda sob o aspecto da identidade dos tradutores, Baker (1999), em seu trabalho sobre os estudos culturais e sua dimensão política, menciona que a discussão sobre esses assuntos pode ampliar os horizontes dos tradutores. “Há uma grande conscientização do lugar dos tradutores na sociedade [...] essa conscientização consiste em ajudar a desenvolver o senso de identidade dos profissionais da área”. (ibid.:29).

Abri esse breve parêntese sobre a identidade do tradutor apenas para mostrar a hierarquia existente entre texto traduzido e texto original, já que, no caso dos textos deste trabalho, não mencionam que é uma tradução e passam ao leitor por original, demonstrando, assim, o domínio

de uma língua sobre a outra. Fecho o parêntese com a informação dada pelo editor da revista National Geographic Brasil, quando ele afirma que “a maioria dos leitores sabe que as matérias são traduzidas”, e “não é padrão, na National, explicitar o nome do tradutor de cada trabalho”.

Voltando à forma da reportagem que está disposta em um total de 14 páginas. Apresenta as mesmas gravuras da versão em inglês: ilustrações do tesouro, foto da abertura do cofre, foto do Museu Nacional do Afeganistão com os objetos históricos, foto dos rapazes que trabalham para restaurar esses objetos e um mapa mostrando as rotas comerciais que por ali passaram.

Analisando superficialmente essas figuras, claro que não é o foco aqui, mas é preciso destacar sua presença, pois fazem parte dos elementos do texto, ilustram o conteúdo tratado e circundam a reportagem em si. Observei que a revista se utiliza desses elementos para chamar e prender a atenção dos leitores. Desse modo, é possível constatar que a abertura da reportagem e as figuras não foram escolhidas por acaso; elas foram bem pensadas e colocadas em lugares estratégicos para que o leitor as perceba, sendo uma maneira de entusiasmar-se pelo assunto. “A revista não precisa de um lead, qualquer que seja o tipo. A revista precisa de uma abertura envolvente” (Vilas Boas, 1996: 45, grifos do autor).

O título Eterna Cultura Afegã e o subtítulo Um país dilacerado por mais de duas décadas de conflitos começa a resgatar seus antigos tesouros já trazem por si só uma carga de significados muito grande. Na escolha das palavras eterna e dilacerado, parece haver uma espécie de analogia, pois o país está dilacerado, destruído pelos conflitos, enquanto sua cultura, apesar de tudo, é eterna, imortal. Essa analogia realmente se confirma no decorrer do texto, quando se enfatiza que algo está acontecendo em detrimento do outro:

Pode um país tão convulsionado como o Afeganistão dar-se ao luxo de cuidar de seu patrimônio? Ou terá de escolher entre alimentar e abrigar a população em detrimento da preservação de sua história? (T2, p. 72 - subtítulo).

Lembro que a cultura referida no título é o patrimônio histórico cultural do Afeganistão e não a cultura do povo em si. Isso é deixado bem claro na fala do vice-governador da província: “É melhor pôr em perigo 85 famílias do que destruir algo de valor histórico para a humanidade” (T2, p. 72, linha 161). As ações desses políticos provocaram protestos por parte das organizações humanitárias e da Unesco, e um funcionário deste Organismo comenta: “A cultura não se limita a monumentos. É algo vivo. Sem as pessoas, as cavernas estão mortas” (T2, p. 72, linha 172).

O texto apresenta um resgate histórico de toda a região do Afeganistão, no qual se identifica a perspectiva do enfoque religioso, político, geográfico e, é claro, dos fatos que marcaram a história, pois como se trata de um texto histórico-cultural de revista, esse resgate é indispensável.

Por muito tempo uma encruzilhada de rotas mercantis entre Ocidente e Oriente, o Afeganistão era o local em que as caravanas de seda chinesa cruzavam, com camelos carregados de objetos de vidro da antiga Roma. Foi ali que a arte clássica da Grécia mesclou-se com as sinuosas esculturas da Índia. A lendária cidade de Balkh, no sopé do planalto central, é considerada o local de origem do profeta Zoroastro, que ali viveu antes da chegada de Alexandre Magno. E foi ali que o budismo transformou-se em uma das mais vigorosas religiões mundiais. Em nenhuma outra região afegã, o passado é tão evidente quanto no vale do Bamian, a noroeste de Cabul e perto da cordilheira do Hindu Kush (T2, p. 68, linha 54).

Assim, observei que algumas das pressuposições contidas no texto original foram mantidas na tradução. Isso porque, de acordo com Nord (1991:97), “o tradutor, ao identificar as

pressuposições, verifica em qual cultura ou “mundo” o texto se refere” e a autora menciona ainda que o nível de explicitação varia de acordo com o tipo de texto e a função do texto.

3.4. Análise contrastiva dos textos do corpus: a intersecção dos modelos de Frank Esser (1998) e Christiane Nord (1991).

Nesta seção, como dito anteriormente, destaco os pontos mais relevantes do modelo de Nord (1991). Enfatizando os fatores internos ao texto principalmente ao léxico, pelo fato de os textos escolhidos terem evidenciado essa questão. Informamos que a tabela completamente aplicada pode ser vista no anexo do presente trabalho. E destaco as esferas que integram o modelo de Esser (1998) e sua aplicabilidade ao material do corpus.

As escolhas lexicais são utilizadas aqui como uma ferramenta que auxilia nos propósitos deste trabalho. Estão baseadas no pressuposto apresentado por Nord (1991:112), “a seleção dos itens lexicais é basicamente determinada pelas dimensões do assunto e do conteúdo”¹² [minha tradução]. Dentre esses itens lexicais, a mudança de tempo verbal e a tradução dos verbos nos chamaram mais a atenção e serão apresentadas abaixo.

i) as escolhas lexicais - a seleção do léxico não é feita por acaso, pois se pressupõe que elas têm uma função, ainda que sejam escolhas feitas inconscientemente pelo jornalista ou pelo tradutor. O que mostro a seguir é uma série de exemplos, em que se evidenciou o forte sentido

¹² The selection of lexical items is largely determined by the dimensions of subject matter and content.

que as palavras trazem consigo. Essas diferenças aparecem já no título, em inglês, *Saving Afghan Culture*, e em português, *Eterna Cultura Afegã*. Assim, no título se percebe um deslocamento de enfoque. Enquanto uma versão usa a palavra *Saving* que, segundo o Dicionário Collins Inglês-Português, tem um sentido de salvar, resgatar, remetendo a algo que já está perdido ou destruído, na outra, em português, temos a tradução por *Eterna*, que remete a algo que permanece intacto, que se autopreserva e não foi destruído. A escolha por *Saving* sugere que seja para lembrar os estrangeiros dos conflitos no Afeganistão. Enquanto que aos brasileiros, que não têm ligação direta com os fatos ocorridos na cultura afegã, é dado outro enfoque como se ela estivesse intacta, sem necessidade de resgatá-la.

Assim o texto segue. A versão americana fala da perda dos artefatos: *With untold numbers of Afghan artifacts lost forever, each new recovery is a triumph*, explicando que os artefatos estão perdidos para sempre (um tanto dramático ou realista talvez), como se nunca mais fosse possível encontrá-los. Em contrapartida, a tradução “Diante da incontável perda de objetos históricos, cada redescoberta é um triunfo” minimiza o problema, quando não menciona que os artefatos estão perdidos para sempre, só fala da perda. Observamos a esfera subjetiva do modelo de Esser atuando, pois “incontável perda” refere-se a valores subjetivos que não estão especificados, parece que aos brasileiros é uma perda superficial.

Em outro trecho temos: *One of us died from the cold. Now our kids are sick, we are hungry, and the government has given us nothing yet. We may all die from the cold*, e a tradução para “Uma pessoa já morreu de frio, nossas crianças estão doentes e estamos passando fome”. Os termos *one of us* e “uma pessoa” são bem diferentes, pois em inglês a pessoa se inclui naqueles que morreram de frio, retratando proximidade, ao passo que em português parece algo bem

distante que não inclui quem está falando. Observamos novamente a esfera subjetiva de Esser (1998) atuando, pois o uso de “uma pessoa” em vez de “um de nós” deixa implícito quem é essa pessoa, e de qual grupo de pessoas ela fazia parte. Além disso, a parte final onde cita a falta de ajuda do governo, dando uma conotação de revolta, foi completamente omitida em português, marcando, justamente, esse distanciamento dos leitores em relação aos fatos, bem como a postura política presente através dos tempos que aqui se configura.

Na esfera social apresentada por Esser (1998), inclui-se a esfera política, seja em questões ligadas à cultura ou à sociedade. No exemplo abaixo, pode ser percebida a atuação dessa esfera, pois temos uma mesma palavra em inglês usada na tradução de duas maneiras diferentes, cada uma sob um aspecto diferente. Os exemplos referem-se à expressão *cave dwellers*: o primeiro deles [...] *the government sent troops to evict another set of cave dwellers* foi traduzido por “O governo enviou tropas para desalojar esse novo contingente de refugiados”; e o segundo *UNESCO scientists working to save what’s left of the site got along well with the cave dwellers* traduzido por “Os técnicos empenhados em salvar o que sobrou do sítio tinham um bom relacionamento com os moradores das cavernas”. Observa-se que a expressão mencionada é traduzida ora por refugiados, que traz uma carga semântica de fuga, de perseguição, e ora por moradores das cavernas, que remete a algo que permanece sem valor conflitivo. Sendo que a tradução de *cave dwellers*, de acordo com o dicionário Collins (2001), seria “morador de caverna”. Nota-se que a tradução por refugiados está sob a ótica do governo que os vê como refugiados; quando mostra o tratamento da Unesco, eles são moradores das cavernas. Assim, esse tratamento diferenciado sofre a influência da esfera de Esser mencionada acima, pois realmente há um tratamento diferenciado com base em questões políticas e culturais relacionadas à hierarquia social, mostrando as relações de poder. Contudo, no original, não se fez essa distinção.

Neste exemplo, evidenciou-se o conhecimento bilíngüe do tradutor e sua habilidade para fazer as equivalências de expressões: [...] the vibrant paintings that once decorated the huge circular halls, balconies, and stairways that honeycomb the cliffs, e sua tradução “[...] pinturas em cores vivas que antes decoravam os imensos saguões circulares, alpendres e escadarias que os monges construíram nas escarpas”. Posso tecer alguns comentários: o primeiro relacionado à palavra “balconies” que tem significado, segundo o dicionário Collins (2001), de “varanda ou galeria”. O tradutor usou a palavra “alpendre” que significa “pátio coberto”; a equivalência de sentido estaria mais relacionada à galeria, por ser um lugar fechado, mas o sentido foi mantido utilizando no português uma palavra não muito usual; o segundo comentário em relação à stairways that honeycomb the cliffs, o autor usa uma metáfora, pois honeycomb é um favo de mel, ou algo em forma de favo e cliff é um despenhadeiro, a idéia então seria uma escadaria que tem seu penhasco em forma de um favo de mel, e como seria dito isso em português? O tradutor não manteve a metáfora, e acrescentou “os monges” e o verbo “construir” - “escadarias que os monges construíram nas escarpas” – a palavra “escarpas” significa corte oblíquo, declive de um terreno. Ter mantido a metáfora adequando-a para o português teria sido uma saída possível; contudo, de acordo com Nord (1991:11), o controle que o tradutor tem da cultura-fonte deve capacitá-lo a ponto de reconstruir as possíveis reações de um receptor dessa cultura, isto é, o tradutor possui conhecimento para fazer as aproximações culturais que forem pertinentes. Devemos destacar que neste trecho, especificamente, a leitura é facilitada, pois há uma fotografia ilustrando o lugar mencionado.

Finalizo com uma equivalência do tradutor que enfatiza a eterna cultura afegã – For the moment, the guns and the greed seemed far away, and Afghan culture seemed very much alive, e a tradução “Naquele momento, as armas e a ganância sumiram na distância, e a cultura afegã

parecia desabrochar em toda a sua glória”. No original a “cultura que parecia muito viva”, remete a algo que está acabado, finalizado, e a tradução por “desabrochar em toda a sua glória” com um sentido de manifestação, algo que está em processo, ainda não está acabado, a cultura está iniciando sua glória e exaltação, pois com o regime Talibã tudo era proibido e a partir de sua queda, um menino pode tocar e outro dançar. Entendo que, apesar das proibições, eles conseguiram mesmo às escondidas preservar seus costumes e, quando tiveram oportunidade, puderam demonstrar isso e resgatar a cultura.

Todos os exemplos acima estão sistematizados abaixo:

Versão Americana	Versão Brasileira
<u>Saving</u> Afghan Culture (p.29 – título)	<u>Eterna</u> Cultura Afegã (p.65 - título)
With untold numbers of Afghan artifacts <u>lost forever</u> , each new recovery is a triumph (p.28, linha 8)	Diante da incontável <u>perda</u> de objetos históricos, cada redescoberta é um triunfo. (p.64, linha 9)
<u>One of us</u> died from the cold. Now our kids are sick, we are hungry, and the government has given us nothing yet. We may all die from the cold (p.36, linha 144).	<u>Uma pessoa</u> já morreu de frio, nossas crianças estão doentes e estamos passando fome (p.72, linha 151).
....the government sent troops to evict another set of <u>cave dwellers</u> (p.36, linha 132).	o governo enviou tropas para desalojar esse novo contingente de <u>refugiados</u> (p.72, linha 141).
[...] got along well with the <u>cave dwellers</u> (p.36, linha 171).	[...] tinham um bom relacionamento com os <u>moradores das cavernas</u> (p.72, linha 176).
[...] the vibrant paintings that once decorated the huge circular halls, <u>balconies</u> , and <u>stairways that honeycomb the cliffs</u> (p.36, linha	[...] pinturas em cores vivas que antes decoravam os imensos sagüões circulares, <u>alpendres</u> e <u>escadarias que os monges</u>

175).	<u>construíram nas escarpas</u> (p.72, linha 182).
For the moment, the guns and the greed seemed far away, and Afghan culture <u>seemed very much alive</u> (p.41, linha 375).	Naquele momento, as armas e a ganância sumiram na distância, e cultura afegã <u>parecia desabrochar em toda a sua glória</u> (p.77, linha 373).

Tabela 3.5. Comparativo entre as escolhas lexicais do texto-fonte para o texto-alvo.

ii) mudança de tempo verbal: neste item serão consideradas também as traduções dos verbos para o português, como meio de comprovar as hipóteses da mudança de enfoque. Sabe-se que nem todos os tempos verbais em inglês têm seu correspondente em português, e alguns têm estruturas semelhantes, mas nomes diferentes. Iniciamos com um exemplo do past participle: Mohammed Ahmadi had challenged a warlord's demand [...], a tradução seria “tinha desafiado” ou “desafiou”, mas a escolha do tradutor foi direcionada a minimizar a situação “Mohammed Ahmadi preferiu desafiar as ordens do chefe guerreiro [...]”. Esta escolha mostra a opção por uma locução verbal, e, além disso, o uso do “preferiu” tira toda a carga de significados que a palavra “desafiar” carrega, como se a escolha em desafiar fosse uma escolha qualquer como ir ou não a algum lugar, sendo que “desafiar” é uma palavra muito forte que instiga provocação, chamar alguém para uma afronta. Entra, nesse caso, a esfera subjetiva de Esser (1998) quando, na tradução, se apresenta não apenas uma sutileza, mas, sim, uma subjetividade, talvez para que na leitura não seja apresentada a real história que mostra a inferência cultural do tradutor, já que, de acordo com Nord (1991:11), “a recepção do texto por parte do tradutor será, inevitavelmente, influenciada pelo seu conhecimento”, e a autora continua dizendo que “o profissional de tradução nunca lerá o texto a ser traduzido de uma maneira ingênua, mas sim de um modo crítico”. Assim, esse aspecto crítico do tradutor não será isento, vai trazer consigo algumas referências,

principalmente de ordem política, já que se refere a questões políticas e, nessa área, ninguém “prefere” fazer algo, não existe escolhas livres, mas, sim, escolhas baseadas em interesses.

Nota-se que o uso de locução verbal, diminui a ênfase do que se quer dizer He was hiding out in Kabul, na tradução poderia ter sido preservado o tempo verbal past continuous já que temos correspondente em português “estava escondido”; contudo, a opção do tradutor foi por “Buscou refúgio em Cabul”, mostrando que essa escolha está pautada na esfera da cultura político-social, pois, quando alguém se esconde, é porque tem algo a temer, seja à sociedade ou aos políticos e o fato de “buscar refúgio” é buscar abrigo, proteção ou amparo momentâneo sem que a pessoa tenha, necessariamente, culpa de fato. Isso também acontece no trecho seguinte Ahmadi’s trials began in 1995 [...], verbo no passado simples, temos corresponde em português, contudo a opção foi outra: “As atribulações de Ahmadi tiveram início em 1995 [...]”. Atribuo a esse fato a intenção do autor, nesse caso autor-tradutor, que está refletida no texto, deixando claro que quer dar as informações ao leitor, mas distanciando-o dos fatos, já que isso não vai mudar a vida dos leitores brasileiros, enquanto que a dos americanos pode sim ser influenciada pela forma como a reportagem é apresentada.

O texto ilustra, cada vez com mais clareza, que, enquanto o texto estrangeiro está voltado à abordagem dos fatos com a dura realidade que ele acontece, o texto brasileiro confere um clima de relato histórico mesmo. Nos dois exemplos acima, evidenciou-se a influência da esfera de atuação do jornalista, a natureza de seu papel e também a postura política por ele adotada. Deste modo, o modelo proposto por Nord (1991) auxilia na percepção dessas diferenças, pois através dos elementos externos e internos é possível visualizar a moldura geral dos textos.

Percebemos as esferas de influência do modelo de Esser (1998) atuando a todo momento. Vejamos esse exemplo: Ahmadi only relented when they agreed to give him a receipt, cuja tradução é “Ahmadi só concordou quando eles se dispuseram a dar-lhe um recibo”. Aqui há uma mudança de sentido, pois o significado de relented é apresentado no Collins Dicionário Prático como “abrandar-se, ceder”, significado muito diferente de “concordar”, pois ceder sobre uma determinada decisão não significa que se concordou com ela, apenas facilitou as coisas. Além disso, outra mudança ocorreu com o verbo agreed que, esse sim, tem o significado de “concordar, estar de acordo” e em português aparece como “se dispuseram”. Nesse caso, eles não se dispuseram, pois quem solicitou o recibo foi Ahmadi, e eles apenas concordaram com isso, sendo a iniciativa não partiu deles. São sentidos bem diferentes, mostrando a influência da esfera social relacionada aos valores políticos, pois deixa evidente quem tem a escolha, qual dos dois lados tem influência sobre o outro.

A seguir, mais um exemplo do passado simples: Khalili delivered the stone to the National Museum, e, em português, o tradutor fez uso da locução verbal “Khalili acabou entregando a inscrição para o Museu Nacional”. Esse exemplo se pauta pela influência da esfera subjetiva por parte do tradutor, pois ele poderia ter colocado “entregou” já que o passado simples está claro em inglês delivered. Contudo, a opção dele deixa implícito que foi algo forçado, uma ação realizada sob algum tipo de pressão, seja política ou social.

No decorrer do texto são notadas algumas analogias que se exprimem por meio dos verbos. Uma delas é quando se menciona na reportagem que o ópio é hoje o principal produto de exportação do país, e os funcionários da Unesco dizem que as antiguidades saqueadas e enviadas ilegalmente para fora do país podem estar nessa lista de exportação, mostrando que esses objetos não precisam nem ser cultivados, nem replantados como a papoula: And unlike poppies,

antiquities are harvested in all seasons, and cannot be replanted, em português “E, ao contrário da papoula, esses objetos podem ser “colhidos” em qualquer época do ano e não precisam ser cultivados”. Nesse exemplo, as palavras que estão entre aspas têm referência ao aspecto teórico apontado por Nord (1991:111) quando ela menciona os elementos não-verbais presentes no texto e diz: “as aspas, por exemplo, podem direcionar para um significado irônico (...) uma certa entoação do texto”. Outro fator importante a destacar é a dimensão política influenciando a produção, tanto do original quanto da tradução, pois o assunto sobre exportações mostra a postura política por trás dessas ações, sejam elas legais ou ilegais. Além disso, a esfera subjetiva mostra a atuação individual do jornalista e seu conhecimento sobre o fato, aliás, fato esse que foi preservado na tradução inclusive com mais destaque devido às aspas.

Em outro exemplo: Crops were burned, livestock stolen, and four out of five people fled, o verbo to flee é usado no passado simples “fugiram”; na tradução está no infinitivo “fugir”: “As plantações foram incendiadas; o gado, roubado, e quatro de cada cinco pessoas viram-se forçadas a fugir”. Bem, nesse exemplo, atua a esfera subjetiva de Esser, pois à subjetividade na tradução apontada pela opção do tradutor deixa implícito que algo aconteceu, denotando sua inferência cultural ao mostrar a natureza dos papéis desempenhados, indicando que essas pessoas não tiveram escolha, foram pressionados a tomar uma decisão, por que se acrescentou uma locução verbal “viram-se forçadas”.

Em mais um exemplo em inglês: ‘We gave them warning’, he says, verbo to give conjugado no passado simples; em português: “Eles foram avisados com antecedência, diz.”. Notam-se as esferas de influência no original e na tradução. Como dissemos anteriormente no embasamento de Nord (1991:11) “que a leitura do tradutor não será ingênua, mas terá um propósito crítico”, suas escolhas apresentam o sentido subjetivo dado aos fatos, de forma a

mostrar que o Brasil não tem envolvimento emocional com os acontecimentos do Afeganistão, em contrapartida os Estados Unidos têm. Há também o fato de se utilizar de uma locução verbal “foram avisados” numa tentativa de explicar essas expulsões.

Para finalizar esta etapa, o último exemplo, assim como o anterior, aponta para a subjetividade da tradução, devido à inferência cultural do tradutor: Ahmadi has since fallen ill and fled the country with his family; na tradução: “Mais tarde, Ahmadi e sua família tiveram de sair do país”. No original diz que ele ficou doente e então fugiu do país, usando o verbo to flee no passado simples; na tradução optou por uma locução verbal “tiveram de sair” e não menciona que ele ficou doente e então fugiu do país, fala que eles tiveram de sair, também como se eles tivessem optado por sair, e não foi isso que aconteceu, na verdade eles tiveram que fugir do país.

Todos os exemplos acima estão sistematizados abaixo:

National Geographic Americana	National Geographic Brasileira
Mohammed Ahmadi <u>had challenged</u> a warlord’s demand [...] (p.30, linha 2).	Mohammed Ahmadi <u>preferiu desafiar</u> as ordens do chefe guerreiro [...] (p.66, linha 3).
He <u>was hiding</u> out in Kabul, afraid to return to his home in the central highland of Afghanistan (p.30, linha 3).	<u>Buscou refúgio</u> em Cabul (p.66, linha 4).
Ahmadi’s trials <u>began</u> in 1995 [...] (p.30, linha 7).	As atribulações de Ahmadi <u>tiveram início</u> em 1995... (p.66, linha 9).
Ahmadi only relented when they <u>agreed to</u> give him a receipt [...] (p.30, linha 18).	Ahmadi só concordou quando eles <u>se dispuseram</u> a dar-lhe um recibo (p.66, linha 25).
Khalili <u>delivered</u> the stone to the Nacional Museum (p.32, linha 25).	Khalili <u>acabou entregando</u> a inscrição para o Museu Nacional (p.68, linha 32).
And unlike poppies, antiquities <u>are harvested</u>	E, ao contrário da papoula, esses objetos

in all seasons, and cannot be replanted (p.34, linha 106).	<u>podem ser “colhidos”</u> em qualquer época do ano e não precisam ser cultivados (p.70, linha 115).
Crops were burned, livestock stolen, and four out of five people <u>fled</u> (p.34, linha 118).	As plantações foram incendiadas; o gado, roubado; e quatro de cada cinco pessoas <u>viram-se forçadas a fugir</u> (p.72, linha 129).
<u>We gave them warning</u> , he says (p.36, linha 153).	<u>Eles foram avisados com antecedência</u> , diz (p.72, linha 160).
With \$ 100, oh <u>we are</u> very happy! (p. 38, linha 243).	Com 100 dólares, <u>será a</u> felicidade total! (p.74, linha 246).
My interpreter turned to me. “He’s dead man”, he said. Ahmadi has since fallen ill and <u>fled</u> the country with his family.) (p.41, linha 357).	Meu intérprete volta-se pra mim e comenta: “Ele é um homem morto. (Mais tarde, Ahmadi e sua família <u>tiveram de sair</u> do país) p. 77, linha 354).

Tabela 3.6. Comparativo entre as escolhas e traduções dos verbos do texto-fonte para o texto-alvo.

Sabemos que nem todos os tempos verbais entre português e inglês são correspondentes; contudo, sempre há que se fazerem algumas adequações, preservando o sentido, é claro. Muda-se o sentido quando se tem alguma intenção por trás disso, quando se quer enfatizar algo diferente do que o verbo realmente significa.

Diante dessa análise dos verbos, notei que as maiores implicações de suas escolhas estão relacionadas ao tom e a intenção do texto, mostrando o texto em português mais subjetivo, com certo distanciamento, enquanto que a versão americana mostra seu tom dramático.

3.4.1. O resultado do cruzamento dos textos

Como observamos nas análises, os textos, que à primeira vista parecem tão iguais, diferem um do outro. Assim, o cruzamento de T1 e T2 nos levam a tecer as observações que seguem.

A forma de apresentação dos textos é basicamente igual, com o mesmo número de páginas, as mesmas figuras, e praticamente a mesma estruturação de parágrafos. Saliento que a tradução fica um pouco mais longa, mas essas diferenças são ajustadas de tal forma que à primeira vista nem se percebe diferenças.

O texto estrangeiro, pertencente ao contexto cultural norte-americano, aproxima o leitor dos acontecimentos, como se ele fosse parte integrante dos problemas que ocorrem no Afeganistão. Já a tradução, voltada ao contexto cultural brasileiro, distancia o leitor, relata os fatos como se eles estivessem muito longe da realidade do Brasil. Dessa forma, temos tanto na atividade do jornalista quanto na do tradutor as esferas que interferem na sua produção. De acordo com Esser (1998), in Zipser (2002:28), “são as esferas que darão ao jornalismo os elementos que determinarão sua identificação com o contexto específico no qual ele está inserido: assim o jornalismo de cada país apresentará traços próprios, resultado da interação entre as várias esferas de fatores”.

Além disso, o texto estrangeiro é mais direto e mostra a realidade dos fatos, sem intenção de minimizar o problema, deixando bem claro quem manda lá. Isso se deveu pelo fato de os Estados Unidos realmente terem participado de tudo o que aconteceu, pois, em grande parte dos conflitos, eles estiveram presentes, como se a intenção fosse mostrar que os acontecimentos do passado se refletem nos do presente. Enquanto que o texto traduzido se apresenta um pouco mais

subjetivo, mostrando que o problema é grave, mas parece ser algo que está muito longe do Brasil, por isso não precisa de tanta ênfase. Ressalto novamente que essas diferenças só foram notadas com a análise minuciosa do texto, pois aparentemente eles parecem idênticos.

Outro fator importante é a adequação cultural existente na versão brasileira, isto é, a escolha lexical para a aproximação cultural. Temos em inglês uma frase iniciada com Rain and snow [chuva e neve], e a tradução para o português ficou como “intempéries”, isso pelo simples fato de no Brasil não existir neve na mesma proporção que no exterior. Logo, essa substituição por intempéries seria uma forma de não distanciar o leitor dos fenômenos existentes.

Outras diferenças são evidenciadas e apresentam-se na forma de expansão e na omissão/filtragem de informações, realizando com isso as adequações necessárias ao melhor entendimento do texto por parte do leitor.

A adição ou expansão de informações pode ocorrer no texto-alvo para adequação cultural de um determinado termo ou trecho do texto, bem como para a localização do leitor e melhor compreensão na leitura da reportagem. As adições mostradas a seguir marcam principalmente a localização do leitor no âmbito geográfico e político. Então, temos: He feared for his life, all because he found an inscribed slab of stone near his village, e sua tradução: “Ele temia por sua vida – e o motivo é que havia encontrado nos arredores de seu vilarejo, no planalto central do Afeganistão, uma laje de pedra com inscrições antigas”. Percebemos que a localização do vilarejo foi o acréscimo, pelo distanciamento existente entre o leitor brasileiro e a geografia da região afegã. No texto em inglês é mencionada a localização do vilarejo, mas, no decorrer do texto, não com a prioridade mostrada em português.

A seguir temos: By 2002 Khalili had become a vice president of the post-Taliban Afghanistan, and his private militia returned to demand the stone, e sua tradução: “Em 1992, o chefe Khalili tornou-se um dos vice-presidentes do regime afegão pós-Talibã, e seus milicianos retornaram ao vilarejo para recuperar a laje”. Dois comentários podem ser feitos: o primeiro refere-se ao erro de data na tradução, o correto é mesmo 2002; e o segundo em relação ao acréscimo de três palavras “o chefe”, “regime” e “ao vilarejo”, atribuímos a isso o fato de situar o leitor sobre quem é Khalili, o que é o pós-Talibã e mostrar onde os milicianos retornaram. Essas informações importantes para o leitor brasileiro e já conhecidas, aparentemente sem importância para o estrangeiro pelo fato de ele ter conhecimento disso, não precisa reforçar. Em outro exemplo que se inicia por Nowhere is the past so evident, e traduzido por “Em nenhuma outra região Afegã”, da mesma forma é preciso localizar o leitor.

O que vimos acima é o que Nord chama de knowledge presupposition por parte do leitor estrangeiro, ou seja, informações que o leitor já conhece. Está subentendido aos americanos que o Talibã é um regime, e que Khalili é o chefe. Como visto anteriormente, Nord falou sobre isso em um seminário realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, em 2001. Segundo a autora, os procedimentos de adicionar ou não informação são questionamentos que sugerem a existência de estratégias de tradução, as quais se referem à seleção das informações feitas pelo tradutor, considerando o grupo de destinatários ao qual a produção textual se destina, bem como as suas expectativas e interesses. Essa seleção contribui para que a tradução seja adequada ao grupo e realize o seu propósito comunicativo, de acordo com o conceito de tradução como ação comunicativa. Segundo Nord, “it’s very difficult just to find the right amount of additional information” [É muito difícil encontrar a quantidade certa de informação adicional.], pois isso depende de todos os fatores mencionados anteriormente.

Todos os exemplos acima estão sistematizados abaixo:

Versão Americana	Versão Brasileira
He feared for his life, all because he found an inscribed slab of stone near his village (p.30, linha 1).	Ele temia por sua vida – e o motivo é que havia encontrado nos arredores de seu vilarejo, <u>no planalto central do Afeganistão</u> , uma laje de pedra com inscrições antigas (p.66, linha 1).
By <u>2002</u> Khalili had become a vice president of the post-Taliban Afghanistan, and his private militia returned to demand the stone (p.30, linha 16).	Em <u>1992</u> , <u>o chefe</u> Khalili tornou-se um dos vice-presidentes do <u>regime</u> afegão pós-Talibã, e seus milicianos retornaram ao vilarejo para recuperar a laje (p.66, linha 21).
Nowhere is the past so evident [...] (p.32, linha 59).	Em nenhuma <u>outra região Afegã</u> [...] (p.68, linha 66).

Tabela 3.7. Comparativo entre as informações adicionais texto-fonte para o texto-alvo.

De forma semelhante ocorre à filtragem ou à omissão de informações, seja por motivos de espaço, pois como já dissemos os textos têm uma diagramação previamente estabelecida, seja para deixar o texto mais claro e direto, ou ainda para realmente selecionar as informações que seriam desnecessárias ao leitor. Como o número de ocorrências de omissão ou filtragem de informações teve um índice relativamente alto, separamos por nível de semelhança: a) omissão de trecho; b) omissão de advérbio e c) simplificação do texto.

i) omissão de trecho: no primeiro trecho em letras menores antes do título da reportagem já se percebe uma omissão: Reasons to rejoice: A famed trove of 2000-year-old Bactrian gold [...], e em português ficou “A coleção de objetos de ouro de Bactria, com 2 mil anos [...]”. A

omissão da primeira parte do trecho em inglês “Razões para exaltar ou alegrar” mostra a aproximação do leitor americano como se ele tivesse realmente vivendo aquilo tudo, e o brasileiro parece que não tem essa razão para exaltar. No subtítulo também se percebe essa omissão: Against all odds, a country shattered by more than two decades of upheaval begins to rescue its ancient treasures. No português, houve uma completa omissão da primeira parte do texto: “Em oposição a todas as desigualdades”, inicia o trecho a partir da vírgula “Um país dilacerado por mais de duas décadas de conflitos começa a resgatar seus antigos tesouros”, e percebe-se a ênfase que se dá ao problema no texto estrangeiro.

Notei também que várias citações foram omitidas. No excerto a seguir não aparece no texto em português: Ahmadi was right to fear for his life. And Afghans are right to fear for their country’s treasure. Nas citações que aparecem em português há aquele distanciamento do leitor; em inglês temos: We’re confident Bamian will become a tourist center, e a tradução: “Bamian vai se tornar um destino turístico”. Houve a omissão de “nós estamos confiantes”, mostrando o afastamento do leitor brasileiro. O distanciamento e a aproximação do leitor que mencionamos estão relacionados, como já dissemos anteriormente, ao fato de os Estados Unidos terem um envolvimento mais direto com os acontecimentos no Afeganistão, ao passo que o Brasil não tem esse envolvimento.

Vejamos uma ilustração disso no exemplo abaixo: Three years after the Taliban were ousted by U.S.-led forces, e em português: “Três anos após a derrubada do Talibã”. Em primeiro lugar, na tradução não é mencionado por quem o Talibã foi derrubado, sendo que é uma informação que ajudaria a localizar o leitor brasileiro nas questões políticas do Afeganistão. Mas, por outro lado, essa omissão talvez seja para não mostrar a interferência dos Estados Unidos nos acontecimentos afegãos. Em outra parte temos: Many sites have yet to be registred. We need to

explore and survey these, e sua tradução: “Muitos têm de ser catalogados” houve omissão do restante da citação onde fala da exploração e da inspeção também devido ao mesmo fato citado anteriormente, envolvimento dos Estados Unidos e não do Brasil.

A seguir, uma omissão de informação que seria importante aos brasileiros: In the meantime another batch of 85 families – most of them from provinces outside Bamian – had moved into the caves, e a tradução: “Enquanto isso, outro grupo de 85 famílias ocupara as cavernas”. Nesse caso, nota-se a atuação da esfera institucional de Esser em relação à diagramação do texto, pois como a tradução tende a ficar maior que o original ela precisa entrar nos padrões de leiaute do original. Optou-se, então, por omitir.

Um exemplo da aproximação dos fatos do leitor estrangeiro: No one has the right to stay in such historic places. It’s better to endanger 85 families than destroy something of historical value for the whole world, e em português: “É melhor pôr em perigo 85 famílias do que destruir algo de valor histórico para a humanidade”. Notamos mais uma vez que, nessa frase, o primeiro trecho no texto em inglês “ninguém tem o direito de ficar em tais lugares históricos”, mostra a realidade dos fatos. Essa omissão na tradução relaciona-se aos fatores sociais e à sua moldura histórico-social, pois a informação inicial refere-se a uma situação vivida naquele país. A atuação do jornalista mostra que no Brasil não tem relação com o que acontece lá.

A seguir, há várias informações omitidas: Most of the paintings have been looted in the chaos of the past decade: Robber’s knives and chisels were found by Japanese archaeologists working to restore the few remaining. The archaeologists also stumbled on broken bits of images scattered on the floors; no português “A maioria das pinturas foi saqueada em meio ao caos de

última década”. Essa é uma informação desnecessária, realmente não faria diferença ter ou não colocado.

Apresento mais três excertos com omissão de informações: “But this is difficult rock to anchor”, he says, rubbing the plebby conglomerate inside the stairwell; na tradução: “Mas esse é um tipo de rocha de difícil ancoragem, explica ele”. Houve omissão de trecho “Diz ele, raspando o conglomerado de fragmento mineral dentro do poço de escada”. O segundo [...] a boxy building that conceals three domes, the outer one mostly bare of tiles. Only a few flashes of blue and white hint at its original beauty. Em português: “[...] um edifício de três abóbodas, das quais a mais externa já perdeu a maioria dos azulejos”, a informação omitida trata de detalhes sobre os azulejos, algo realmente desnecessário. O terceiro exemplo: On this morning the apprentices are busy shaping individual tiles into complex patterns in a cavernous workroom, sunlight filtering in to illuminate the glazed tiles fired in an adjacent courtyard; e em português: “Nessa manhã, os aprendizes estão ocupados em montar os azulejos segundo complexos padrões”. Houve omissão da parte “em uma sala de trabalho na caverna, filtrando a luz solar na iluminação dos tijolos lustrosos pelo calor em um jardim adjacente”. Essa descrição não teria muita importância ao leitor brasileiro, pois são detalhes que não influenciariam na leitura.

Temos mais uma aproximação dos fatos ao leitor estrangeiro: British Cannon, Soviet tanks, and centuries of decay have taken their toll on these magnificent buildings. Now the more mundane ravages of commerce threaten to destroy even these remnants. E a tradução: “Canhões britânicos, tanques soviéticos e séculos de decadência já haviam deixado sua marca nos edifícios”. Houve a omissão do trecho: “Agora a destruição mais mundana do comércio ameaça destruir até esses restos”. Os Estados Unidos têm mais familiaridade com esses assuntos, pois

todo esse relato histórico faz parte da realidade deles, por tratar-se de assuntos relacionados à guerra e aos conflitos nos quais eles tiveram envolvidos.

No último trecho desta seção, é possível perceber-se parte integrante do texto: “I’m confused”, Ahmadi said, as we stopped to let him out of the car following our interview. “Everyone knows my story, but I don’t know what to do. These objects are for all afghans. Right now they’re under the control of the people with gun.”, e na tradução: “Esses objetos históricos pertencem a todos os afegãos”, fala enquanto paramos o carro. “Agora, porém, estão sob o controle dos grupos armados”.

Todos os exemplos mencionados acima estão sistematizados na tabela abaixo.

Versão Americana	Versão Brasileira
<u>Reasons to rejoice</u> : A famed trove of 2000-year-old Bactrian gold [...] (p.28, linha 1).	A coleção de objetos de ouro de Bactria, com 2 mil anos (p.64, linha 1).
<u>Against all odds</u> , a country shattered by more than two decades of upheaval begins to rescue its ancient treasures. (p. 29)	Um país dilacerado por mais de duas décadas de conflitos começa a resgatar seus antigos tesouros (p. 65).
Ahmadi was right to fear for his life. And Afghans are right to fear for their country’s treasure (p. 32, linha 38).	Omissão
Three years after the Taliban were ousted <u>by U.S.-led forces</u> (p.34, linha 82).	Três anos após a derrubada do Talibã (p. 70, linha 90).
<u>We’re confident</u> Bamian will become a tourist center (p.34, linha 76).	Bamian vai se tornar um destino turístico (p.70, linha 84).
Many sites have yet to be registred. <u>We need to explore and survey these</u> (p.34, linha 95).	Muitos têm de ser catalogados (p.70, linha 103).
In the meantime another batch of 85	Enquanto isso, outro grupo de 85 famílias

families – <u>most of them from provinces outside Bamian</u> – had moved into the caves (p.36, linha 129).	ocupara as cavernas (p.72, linha 139).
<u>No one has the right to stay in such historic places.</u> It’s better to endanger 85 families than destroy something of historical value for the whole world (p.36, linha 154).	É melhor pôr em perigo 85 famílias do que destruir algo de valor histórico para a humanidade (p.72, linha 161).
Most of the paintings have been looted in the chaos of the past decade: <u>Robber’s knives and chisels were found by Japanese archaeologists working to restore the few remaining. The archaeologists also stumbled on broken bits of images scattered on the floors</u> (p.36, linha 182).	A maioria das pinturas foi saqueada em meio ao caos de última década (p.73, linha 190).
“But this is difficult rock to anchor”, he says, <u>rubbing the plebby conglomerate inside the stairwell</u> (p.37, linha 205).	Mas esse é um tipo de rocha de difícil ancoragem, explica ele (p.73, linha 210).
[...] a boxy building that conceals three domes, the outer one mostly bare of tiles. <u>Only a few flashes of blue and white hint at its original beauty</u> (p.37, linha 228).	[...] um edifício de com três abóbodas, das quais a mais externa já perdeu a maioria dos azulejos (p.73, linha 235).
On this morning the apprentices are busy shaping individual tiles into complex patterns <u>in a cavernous workroom, sunlight filtering in to illuminate the glazed tiles fired in an adjacent courtyard</u> (p.37, linha 231).	Nessa manhã, os aprendizes estão ocupados em montar os azulejos segundo complexos padrões (p.74, linha 237).
British Cannon, Soviet tanks, and centuries of decay have taken their toll on these magnificent buildings. <u>Now the more</u>	Canhões britânicos, tanques soviéticos e séculos de decadência já haviam deixado sua marca nos edifícios (p.74, linha 269).

<u>mundane ravages of commerce threaten to destroy even these remnants</u> (p.38, linha 261).	
<u>“I’m confused”</u> , Ahmadi said, as we stopped to let him out of the car following our interview. <u>“Everyone knows my story, but I don’t know what to do.</u> These objects are for all afghans. Right now they’re under the control of the people with guns,” (p.41, linha 350).	”Esses objetos históricos pertencem a todos os afegãos”, fala enquanto paramos o carro. “Agora, porém, estão sob o controle dos grupos armados” (p.77, linha 349).

Tabela 3.8. Comparativo entre a filtragem ou omissão das informações texto-fonte para o texto-alvo.

ii) omissão de advérbio: Recently surfaced in a Kabul vault, and clay faces from an ancient Buddhist temple were retrieved from looters, e sua tradução: “Reapareceu em Cabul, e rostos de argila de um antigo templo budista foram recuperados”. Nessa tradução cabe tecer dois comentários: o primeiro em relação à omissão do advérbio recently, já que, de acordo com a Gramática da Língua Portuguesa de Cegalla (1994), os advérbios são palavras que modificam ou acrescentam significado aos verbos. Há, assim, uma marcação do verbo que no português se omitiu; e o segundo, foi a omissão de que os rostos de argila de um antigo templo Budista foram recuperados de saqueadores. A seguir, mais uma omissão de advérbio: he initially denied knowing about either the box or the stone; em português: “Khalili negou que soubesse algo sobre a caixa ou a inscrição”, que muda o sentido, pois em inglês “ele inicialmente negou”, e em português apenas “ele negou”. O trecho em inglês dá a idéia de que ele primeiramente negou, mas depois contou a verdade.

O uso de advérbios está relacionado à escolha lexical, e Nord (1991:114) afirma “que o tradutor deve descobrir qual interesse e propósito teve o autor com a escolha de determinadas

palavras, expressões”, nesse caso, advérbios. Assim, no exemplo abaixo, o uso do advérbio em inglês nearly marca o tempo das invasões e é omitido na tradução: Nearly a quarter century of invasion and civil war have transformed archaeological sites into barren wastes of looters’ pits; em português: “Invasões e conflitos transformaram os sítios arqueológicos em desolados campos com buracos abertos por saqueadores”.

O uso do advérbio tem sua importância no texto não apenas para marcar o tempo, mas também para enfatizar determinados assuntos, e é assim definido por Cegalla (1994:243), “advérbio é uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio”. Assim temos: After a scramble by international aid organizations, the homes finally were finished last year, e sua tradução: “Após um esforço por parte de organizações humanitárias internacionais, as casas foram concluídas no ano passado”. Notamos que o uso do advérbio finally tem o objetivo de que as casas finalmente foram terminadas.

Todos os exemplos mencionados acima estão sistematizados na tabela abaixo.

Versão Americana	Versão Brasileira
<u>Recently</u> surfaced in a Kabul vault, and clay faces from an ancient Buddhist temple were retrieved <u>from looters</u> (p.28, linha 4).	Reapareceu em Cabul, e rostos de argila de um antigo templo budista foram recuperados (p.64, linha 5).
he <u>initially</u> denied knowing about either the box or the stone (p.30, linha 22).	Khalili negou que soubesse algo sobre a caixa ou a inscrição (p. 68, linha 28).
<u>Nearly</u> a quarter century of invasion and civil war have transformed archaeological sites into barren wastes of looters’ pits (p.34, linha 85).	Invasões e conflitos transformaram os sítios arqueológicos em desolados campos com buracos abertos por saqueadores (p.70, linha 92).
After a scramble by international aid	Após um esforço por parte de organizações

organizations, the homes <u>finally</u> were finished last year (p.34, linha 127).	humanitárias internacionais, as casas foram concluídas no ano passado (p.72, linha 137).
--	--

Tabela 3.9. Comparativo entre a omissão de advérbios do texto-fonte para o texto-alvo.

iii) simplificação de informação: a simplificação ocorre, muitas vezes, para facilitar a leitura e a interpretação do texto.

Vejamos então os exemplos retirados do texto: Long a hub of trade flowing from east to west and north to south [...], em português: “Por muito tempo uma encruzilhada de rotas mercantis entre Ocidente e Oriente”, houve a simplificação para “ocidente e oriente”, talvez até para facilitar a explicação do fluxo das rotas comerciais. Na passagem seguinte: Saving antiquities can appear an irrelevant luxury amid the hardship of daily life in Bamian, which one U.S. State Department official calls “the Appalachia of Afghanistan, e sua tradução: “O Resgate das antiguidades pode parecer um luxo despropositado em meio às dificuldades da vida cotidiana em Bamian, uma das regiões mais pobres do país”. Notamos que em português não há menção a comparação que o oficial faz a “Apalachia do Afeganistão”; o jornalista buscou uma referência relacionada à cultura americana, e o tradutor optou por não fazer uma comparação da mesma natureza, apontando para a esfera subjetiva em relação à sua atuação individual e suas inferências culturais e sociais, pois aos brasileiros basta dizer que é uma região pobre e já é possível fazer a leitura do lugar, não precisa mencionar uma determinada região.

Todos os exemplos mencionados acima estão sistematizados na tabela abaixo.

Versão Americana	Versão Brasileira
Long a hub of trade flowing from <u>east to</u>	Por muito tempo uma encruzilhada de rotas

<u>west and north to south</u> [...] (p.32, linha 48).	mercantis entre <u>Ocidente e Oriente</u> (p. 68, linha 54).
Three years after the Taliban were ousted by <u>U.S.-led forces</u> (p. 34, linha 82).	Três anos após a derrubada do Talibã (p.70, linha 90).
Saving antiquities can appear na irrelevant luxury amid the hardship of daily life in Bamian, <u>which one U.S. State Department official calls “the Appalachia of Afghanistan</u> (p.34, linha 108).	O Resgate das antiguidades pode parecer um luxo despropositado em meio às dificuldades da vida cotidiana em Bamian, <u>uma das regiões mais pobres do país</u> (p.70, linha 118).

Tabela 3.10. Comparativo das simplificações do texto-fonte para o texto-alvo.

Assim, quanto ao conteúdo, nota-se que a tradução mantém-se muito próxima do texto-fonte, porém com enfoques diferentes. Salientamos também que algumas das diferenças apontadas anteriormente, principalmente em relação à omissão de advérbios podem referir-se às particularidades de cada língua. Notamos que o uso do advérbio na língua inglesa é mais freqüente que no português, pois se trata de um recurso técnico, mas não isento em seu uso cultural na respectiva língua.

Vencidas essas etapas, já podemos partir para algumas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do tema desta dissertação e o seu desenvolvimento constituíram para mim, desde o início, um desafio pelo elemento inovador que o caracteriza, primeiramente por ser uma análise da tradução do texto jornalístico histórico-cultural de revista, e pelo ineditismo, até onde se sabe, de algum trabalho semelhante no Brasil com a revista National Geographic.

Esse desafio teve um enriquecimento, tanto de meus conhecimentos sobre tradução, que é a grande área em que trabalho, quanto sobre minha própria jornada no campo de pesquisa, despertando em mim a vontade de seguir e difundir essa interface tão fascinante que é a tradução do texto jornalístico, agora de revista.

As duas principais teorias utilizadas, em primeiro o modelo e os posicionamentos teóricos de Christiane Nord (1991) provaram ser muito eficazes, fornecendo um panorama tanto do texto original quanto da tradução. Panorama este, não apenas crítico, como também geral de todos os componentes que moldam o texto.

E em segundo o modelo e os posicionamentos teóricos de Frank Esser (1998) mostraram como as esferas atuam e interagem de forma diferente em cada cultura, pois o jornalista como produtor também atua diferente de acordo com a cultura. Isso também acontece com a tradução que terá padrões voltados à cultura de chegada, apontando assim as semelhanças entre o tradutor e o jornalista.

A aplicação desses modelos ajuda a reconhecer a natureza das duas grandes áreas que compõem esta interface, bem como estabelecer possíveis comparações entre tradução e

jornalismo, a saber: i) a produção textual em função de um leitor final em prospecção, pois como vimos ambos os textos cumprem sua função quando chega às mãos do receptor; ii) as escolhas direcionam o texto ao seu propósito, pois como Nord (1991) diz que os textos estão voltados ao seu skopos, e as escolhas direcionam a leitura; iii) os fatores sociais e culturais que interagem nessas duas áreas, isso porque não há como desconsiderar a cultura e a os fatores sociais que influenciam a produção tanto do texto jornalístico quanto da tradução.

Desse modo, a análise lexical, utilizada aqui como ferramenta para atingir os objetivos traçados, mostrou-se muito enriquecedora, pois possibilitou não apenas a visualização dos enfoques dados ao texto, como também para demonstrar a importância da atuação do profissional de tradução, que pela sua formação e seu conhecimento bilíngüe tem a possibilidade de fazer as aproximações culturais. Já sabemos que o tradutor é peça-chave no processo de comunicação intercultural e dos conhecimentos que ele precisa ter para realizar essa tarefa.

Assim, os tradutores deste texto deixaram sua intenção no texto, e eles mostraram um vasto vocabulário em ambas as línguas, pois em nenhum momento notou-se falta dele na língua-alvo. Notei também que o conhecimento faz diferença em casos como o que segue, em que na língua-fonte temos essas expressões prontas chamadas de “expressões idiomáticas” - Yes, in a stunning piece of good news last April e o tradutor pela sua experiência adotou uma posição muito adequada “Em um episódio reconfortador, foi anunciado em abril [...]”, pois geralmente essas expressões não têm equivalente em português.

Um relato importante de mencionar, pelos contatos com o editor da revista National Geographic brasileira, foi meu questionamento sobre as escolhas lexicais, que como vimos, permeiam o enfoque dado ao texto. A dúvida era se havia algum padrão de vocabulário que os

tradutores devessem seguir. Ele informou que não há um padrão exato na escolha do vocabulário, “manda o bom português, apenas”. E completa dizendo que cada tradutor tem um estilo, e isso interfere um pouco no resultado final, a mesma matéria pode sair mais rebuscada ou mais popular, de acordo com o tradutor. Tudo depende do contexto editorial, da matéria em si. O estilo do tradutor mencionado acima se refere à esfera subjetiva citada no trabalho de Esser (1998), pois diz respeito a sua profissionalização e sua postura política diante do texto.

Quanto às entrevistas realizadas, ao final, proporcionaram um enriquecimento do texto, das hipóteses e da idéia de partida deste trabalho, pois o contato com pessoas alheias à pesquisa enriqueceu meu próprio conhecimento sobre o assunto tratado nas reportagens. Pude comprovar pelas conversas e pelas respostas dadas no questionário que realmente existem marcas culturais de acordo com a língua/cultura em que cada matéria está inserida.

Este foi um trabalho de muita reflexão pautada nos objetivos traçados inicialmente, que neste momento são retomados.

O primeiro objetivo: comprovar a hipótese de que os textos trazem consigo as marcas culturais de cada país. No início, as reportagens pareciam idênticas, principalmente pelo fato de terem as mesmas figuras, a mesma paragrafação e o mesmo número de páginas. No entanto, devido a essas semelhanças, não sabia se a hipótese formulada se comprovaria. Agora, após todas as análises e reflexões realizadas, tenho subsídios que evidenciam a presença de marcas culturais nos textos. Logo, cada texto traz consigo as representações culturais de seu país. A tradução, inevitavelmente, também buscará as manifestações da cultura e da língua para a qual se traduz.

O segundo objetivo: demonstrar sob quais aspectos essas marcas culturais se manifestam nos textos. Antes do início das análises, esse objetivo foi colocado pelo anseio em saber quais

aspectos a cultura se faria representar. Foi um fator incentivador para chegar ao resultado final, como meio de refletir e revelar essas fascinantes descobertas. Esse aspecto foi o léxico, mais precisamente as escolhas lexicais realizadas, tanto pelo jornalista quanto pelo tradutor, que mostram as aproximações culturais realizadas, bem como as marcas em cada texto.

Assim, por meio do léxico, pude chegar a outros pontos importantes, como, por exemplo, a ocorrência de filtragem ou expansão de informações, visto que o que em um determinado texto pode ser acrescentado, por estar coerente com seu propósito naquela cultura, já em outro pode ser omitido por não fazer parte daquela realidade.

A omissão e a expansão da informação não têm a função apenas de tornar o texto mais sintético e direto, mas, sim, uma função cultural, isto é, uma marcação cultural, que está voltada ao leitor. Os procedimentos de adicionar ou não informação são questionamentos propostos por Nord na palestra proferida na Universidade Federal de Santa Catarina, em 2001, sugerindo a existência de estratégias de tradução, as quais se referem à seleção das informações feitas pelo tradutor, considerando o grupo de destinatários ao qual a produção textual se destina, bem como, as suas expectativas e interesses. Assim, as reportagens analisadas apesar de passar por uma seleção para que caiba em uma diagramação já pré-existente, o texto omite, claro, muitas informações que não fariam diferença, mas algumas delas bem culturais com o intuito de localizar ou afastar o leitor do texto. Além disso, podemos destacar que o uso de locuções verbais minimiza a força do significado de alguns verbos, deixando-os mais subjetivos. Também a omissão dos advérbios pode ter o propósito de chegar à precisão e fluência do texto jornalístico.

O terceiro objetivo: discutir se as escolhas realizadas pelo tradutor caracterizam um eventual deslocamento de enfoque. As “escolhas” são responsáveis por fatores determinantes em

um texto. Nesse caso, algumas das escolhas do tradutor serviram para caracterizar um deslocamento de enfoque principalmente quanto à realidade dos fatos. O texto estrangeiro, que se apresenta de forma mais direta, mostra os fatos sem, aparentemente, encobri-los, e na verdade, conduz o texto para o enfoque que se julga importante. A revolta da população e dos representantes humanitários contra o domínio dos poderosos do Afeganistão se mostra através da reprodução de algumas citações. Agora sua tradução apresenta-se distanciada dos acontecimentos, e os apresenta de uma forma subjetiva como se o problema dos tesouros e da política do Afeganistão não fosse tão grave quanto é. Sob esse aspecto o deslocamento de enfoque, que tende a ocorrer na passagem de uma notícia ou reportagem de uma língua/cultura para outra, acontece devido às diferentes relações, tanto sociais, políticas e econômicas que cada país tem com o Afeganistão. Os Estados Unidos têm estreitamento dessas relações, por terem conflitos constantes com aquele país e serem responsáveis por muitas das destruições lá ocorridas. Enquanto que o Brasil não tem esse envolvimento, está como observador dos fatos, apenas.

Quanto ao quarto e último objetivo: cooperar para a difusão dos estudos da tradução no ambiente jornalístico, e, mais do que isso, apresentar uma contribuição para a tradução nessa modalidade textual. Espero, por fim, ter contribuído para a difusão dos estudos da tradução no ambiente jornalístico, seguindo os pressupostos do trabalho de Zipser (2002) que possibilitou a identificação dos pontos de convergência do jornalismo e da tradução, e despertar nos pesquisadores o interesse para a continuidade dos estudos nessa interface. A prática com o modelo e a teoria de Christiane Nord contribui para estimular nos futuros tradutores uma conscientização de semelhanças e diferenças entre um determinado par cultural. Pode-se com isso reforçar a teoria funcionalista de que a função do texto está voltada ao leitor em prospecção, bem

como a comprovação de que a tradução por mais próxima que esteja do original em relação à diagramação, tamanho, difere-se dele. Nem a National Geographic, onde os textos são aparentemente tão semelhantes, consegue anular as diferenças existentes. Ademais, a pesquisa com corpus de textos jornalísticos traduzidos seria uma das possíveis abordagens que poderia trazer dados relevantes para a teoria da tradução, visto que neste corpus podem ser contemplados outros recortes teóricos, deixando aqui a base para sua continuidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Textos do corpus

1. Revista National Geographic, volume 206, nº 6 (dezembro de 2004). National Geographic Society. Washington, D.C, 2004.
2. Revista National Geographic Brasil, nº 56 (dezembro de 2004). Editora Abril: São Paulo, 2004.

Referências de apoio teórico

AZENHA JUNIOR, João. Tradução técnica e condicionantes culturais: primeiros passos para um estudo integrado. São Paulo: Humanitas / FFLCH/ USP, 1999.

BAKER, Mona. Lingüística e Estudos Culturais: Paradigmas Complementares ou Antagônicos nos Estudos da Tradução? In Mendes, M. (org.) Tradução e Multidisciplinaridade. Rio de Janeiro, Editora Lucerna, 1999.

BELTRÃO, Luiz. Iniciação à Filosofia do Jornalismo. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

BUCCI, Eugênio. Sobre Ética e Imprensa. São Paulo: Companhia de Letras. 2000.

CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Nacional, 1994.

COIMBRA, Oswaldo. O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Ática, 1993.

Collins Dicionário Prático: Inglês-Português/Português-Inglês. U.S: HarperCollins Publishers, 2001, 2ª edição.

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando; uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.

HOUAISS, Antônio e Villar, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOTSCHO, Ricardo. *A prática da reportagem*. São Paulo: Ática, 1995.

LAGE, Nilson. *A estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 1998.

LIMA, Alceu Amoroso. *O Jornalismo como gênero literário*. São Paulo: EDUSP, 1990.

MARSHALL, Leandro. *O jornalismo na era da publicidade*. São Paulo: Summus, 2003.

MELO, José Marques de. *Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3º ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

NORD, Christiane. *La unidad de traducción desde un enfoque funcional*, in Cuaderns. *Revista de traducción* 1:1998, 65-77.

_____. *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained*. Manchester. St Jerome, 1997a.

_____. *Defining translation functions: the translation brief as a guideline for the trainee translator*. In *Ilha do Desterro*, 33:39-53. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997b.

_____. *Text Analysis in translation*. Amsterdam; Atlanta: Rodopi, 1991

VENUTI, Lawrence. *A invisibilidade do tradutor*, tradução de Carolina Alfaro. Rio de Janeiro: Grypho, 1995.

_____. *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*, tradução de Laurenao Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

VILAS BOAS, Sérgio. *O estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo: Summus Editorial, 1996. (Coleção novas buscas em comunicação; v.52).

ZIPSER, Meta Elisabeth. *Do fato à reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural*. São Paulo: USP, 2002 (Tese de doutoramento, disponível na BU-UFSC).

WOLF, Michaela. Translation as a process of power: Aspects of cultural anthropology in translation. In *Translation as Intercultural Communication*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamin, 1995.